

**MARIA ISABEL FERREIRA GONÇALVES COLAÇO
CANTIGA DUARTE**

**S. PAULO, AS COMUNIDADES PRIMITIVAS, A
IDENTIDADE FEMININA E A FAMÍLIA**

Orientador: Prof. Doutor José Brissos-Lino

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração

Lisboa

2022

MARIA ISABEL FERREIRA GONÇALVES COLAÇO
CANTIGA DUARTE

**S. PAULO, AS COMUNIDADES PRIMITIVAS, A
IDENTIDADE FEMININA E A FAMÍLIA**

Dissertação defendida em provas públicas para obtenção do Grau de Mestre em Ciências das Religiões, no Curso de Mestrado em Ciências das Religiões, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias no dia 28/06/2022, perante o júri, nomeado pelo Despacho de Nomeação n.º: 222/2022, de 01 de junho de 2022, com a seguinte composição:

Presidente:

Prof. Doutor Daniel Mineiro

Arguente:

Prof.^a Doutora Lidice Meyer

Vogais:

Prof. Doutor Paulo Mendes Pinto

Prof. Doutor Luís Larcher

Orientador:

Prof. Doutor José Brissos-Lino

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração

Lisboa

2022

O que fica agora é: fé, esperança, amor- estas três coisas.

Mas destas a maior é o amor”

(Apóstolo Paulo, 1 Coríntios 13:13)

Dedicatória

Dedico este trabalho em primeiro lugar a Deus por me ter dado o essencial a vida, a minha entidade e com ela a liberdade, a S. Paulo que sem a sua existência tão controversa e inspiradora nada teria sido possível.

Aos meus pais, Manuel e Manuela e aos meus avós paternos “in memoriam “ que foram eles os primeiros a mostrarem-me a Igreja de Cristo, a todos os que duvidam, mas creem.

Ao Paulo meu marido por todo o amor, estímulo e compreensão com que sempre acarinhou este projeto.

A todos os que acreditam aos que acreditam e duvidam e aos que não acreditam.

Este trabalho não faria qualquer sentido se todos eles não fizessem parte do percurso da minha vida.

Agradecimentos

Agradeço a Deus por me ter permitido conhecer tanto. A S. Paulo que foi o meu bastião nos últimos tempos e que me levou a ultrapassar muitos obstáculos. Não sei se fui eu que o procurei conhecer se foi Ele que me fez conhecê-lo numa altura em que tudo me parecia demasiado complicado e difícil.

Ao Prof. Doutor José Brissos-Lino por ter aceitado ser meu orientador.

Ao Prof. Doutor Paulo Mendes Pinto por ter sido o primeiro que no final de uma das suas aulas considerou o tema interessante, complexo, mas desafiante bem como por todo o apoio científico e psicológico que sempre me deu ao longo deste percurso.

Aos meus colegas e amigos que olharam com verdadeiro espanto e talvez alguma inquietação esta opção, achando pragmaticamente que era uma loucura, mas que posteriormente me apoiaram.

À minha amiga Suzanne Tavares pela forma espontânea como se prontificou a rever o meu abstract.

Ao Paulo o meu marido que foi o primeiro a acreditar, agradeço todo o amor, carinho e apoio pelas inúmeras vezes que leu, releu e corrigiu o meu português deixando muitas vezes o seu descanso e trabalho de lado, por tantos livros sobre S. Paulo que procurou e me trouxe, pelas inúmeras pesquisas que coletou e me obrigou a ler e por ter tido a coragem de me dizer o que achava que estava mal, chegando mesmo a afirmar “risca tudo e começa de novo.”

Sem ele, que permaneceu sempre ao meu lado muitas vezes um passo à frente questionando-me frequente em alturas difíceis sobre o progresso do meu trabalho e que muitas vezes dizia que é fácil desistir, mas o preço é alto. Sem ele não teria tido a coragem de terminar.

Por último a todos os que direta ou indiretamente contribuíram para esta dissertação agradeço profundamente.

Resumo

Paulo de Tarso é uma das figuras a quem mais se deve a implementação e difusão do cristianismo, tornando-o universal. Paulo pertence ao grupo de pessoas que gera invariavelmente controvérsia.

Inicialmente foi um dos grandes perseguidores do cristianismo, tornou-se o maior defensor após a sua viagem a Damasco. A Teologia da Cruz foi a sua prioridade. Cristo morreu e ressuscitou para sermos salvos.

Para passar a mensagem de Cristo, por vezes tinha comportamentos e escritos explosivos no afã de todos serem seus imitadores. Estes devem ser dos escritos que a igreja mais tem analisado e mais polémica têm levantado.

O presente trabalho tem por finalidade tentar compreender porque nas últimas décadas, com o crescente poder de algumas correntes da sociedade nomeadamente as feministas tem sido conotado como misógino.

Partimos do corpo epistolar de Paulo uma vez que aí se encontram as frases mais polémicas.

Pela análise do conteúdo das cartas enquadrando-as na sociedade em que Paulo viveu argumentamos, baseado em vários estudos complementares que a sua escrita correspondeu ao seu desejo de passar a mensagem de Cristo mesmo que esse intuito o levasse a ultrapassar os limites do racional em relação às mulheres.

Num mundo em que imperava uma sociedade patriarcal Paulo não foi mais hostil com as mulheres do que com os homens. Paulo foi um judeu convertido ao Cristianismo, mas mantendo ética judaica tendo defendido uma Igreja igual para todos. Foi com Paulo que o Cristianismo se tornou universal

Abstract

Paul of Tarsus was a key figure in the implementation and dissemination of Christianity throughout the world. The Apostle Paul also belongs to a group of notable and highly controversial individuals.

Initially a great persecutor of Christianity, he became one of its greatest proponents after travelling to Damascus. He prioritized the Theology of the Cross and proclaimed his belief that Christ died and was resurrected to save us.

His enthusiasm to spread his message and influence his followers at times caused him to overreact, which is evident in his writings. Paul's words have probably undergone the most detailed analysis of all church documents and have generated the most controversy.

The objective of this work is to attempt to understand why, with the growing influence of certain societal shifts in recent past decades, namely feminism, he has been labelled a misogynist.

We begin with St. Paul's epistles, as it is here that we find the most controversial language.

Through an analysis of the contents of his letters set within the framework of the society in which he lived, we maintain, based on various supporting studies, that his writings showed his desire to disseminate the message of Christ, even if this purpose caused him to exceed rational limits in relation to women.

In a world dominated by a patriarchal society, Paul showed no more hostility to women than he did to men. He was a Jew converted to Christianity, who maintained the Jewish ethic in his defense of a Church that was the same for all. It was due to Paul that Christianity became universal.

Índice

Introdução.....	8
1. Contexto histórico-geográfico e político: criação dum estado.....	13
2. Contexto socioeconómico e os grupos judaicos.....	20
2. 1. Situação socioeconómica na Palestina.....	20
2.2. Grupos judaicos.....	22
2.2.1. Fariseus	22
2.2.2 Saduceus.....	23
2.2.3 Essénios	23
2.2.4 Outros Grupos.....	23
3 - A Mulher na Antiguidade	25
3.1. Enquadramento geral	25
3.2. As mulheres na sociedade greco-romana e na Judeia.....	26
4 - Quem é Paulo? Antes Saulo ou sempre Paulo?.....	29
5. Pensamentos e atitudes de Paulo sobre as mulheres	36
5.1. As mulheres no início do Cristianismo	36
5.2. As mulheres nas comunidades	39
5.3. Comportamento e aspecto das mulheres em público	45
5.4. Mulheres caladas e as submissas	52
5.5. Igualdade nas igrejas de Paulo.....	57
5.6. Polémicas nas comunidades	59
6. Uso do corpo para fins sexuais.....	61
Conclusões.....	65
Bibliografia	70

Paulo, as comunidades primitivas, a identidade feminina e a família

Introdução

Paulo de Tarso é uma das figuras a quem mais se deve a implementação e difusão do cristianismo. O apóstolo Paulo pertence a um grupo de pessoas das quais sempre que alguém pronuncia o seu nome ou comenta qualquer assunto relacionado com Ele, invariavelmente gera alguma controvérsia, seja pelas suas Epístolas ou pelo que Lucas escreveu nos Atos dos Apóstolos. Apesar de aqui parte poderá não ser completamente exata por ter sido escrita posteriormente à morte de Paulo, facto que pode justificar algumas discrepâncias entre este texto e as cartas. (Lourenço, 2017, Vol.II p. 24) De qualquer modo é impossível negar a influência de Paulo no desenvolvimento do Cristianismo e Ele tudo fez para a sua divulgação, tendo após a sua conversão em Damasco, ou sido conquistado por Deus tornado esta missão uma forma de vida. Sem Paulo o Cristianismo não se teria implementado e não se tornaria universal.

As suas viagens e as cartas que escreveu às comunidades que formava foram o grande alicerce do desenvolvimento do Cristianismo, poderemos mesmo dizer que foram a coluna do Cristianismo. Os seus ensinamentos eram adaptados consoante o local e a quem se dirigia. Apesar das pessoas que formavam as comunidades serem de origens diferentes quer em religião quer também em estratos socioeconómicos, conseguia que fizesse sentido e fosse entendido aquilo que transmitia. Iniciava sempre as suas cartas com uma saudação em que mostrava afeição e uma oração e só depois seguia ao assunto principal (Aletti, 2004), Paulo usava a dialética para apresentar as suas ideias, isto é: Ao expor uma ideia contrapunha e por vezes chegava a contradizer para obter conclusões ou novas ideias. (Ferreira, 2010) O pensamento de Paulo serve-se muito do sim e do não como, por exemplo, a morte - ressurreição (Rm 6:5 e 6:8), desobediência - obediência (Rm 5:19; 11: 30-32). Mas a grande prioridade para Paulo era a Teologia da Cruz porque dizer Cruz significa dizer *salvação como graça* concedida a cada pessoa (Bento XVI, 2008). Este foco da sua orientação tem sido desde sempre alvo de numerosos estudos e tem influenciado muitos teólogos. Para alguns teólogos e historiadores a teologia paulina foi a grande influenciadora da Reforma (Silva, 2013). Paulo com a sua visão apocalíptica e pensando que a segunda vinda de Cristo ainda ocorreria na sua geração, assumiu como missão que a conversão dos homens deveria ser para hoje e não para amanhã. Também

talvez seja por este facto que nunca falou na concepção de filhos “a aparência deste mundo está de partida. (Lourenço, 2017, Vol. II p. 156).

Como seria de esperar por tudo o que Paulo pregava, ainda antes do II século começaram os comentários e as polémicas levantadas pelos seus textos. Mais tarde alguns serviram-se deles para fins diversos, chegando mesmo a adulterar o seu pensamento de tal modo que permitissem aceitar placidamente a escravatura ou criar normas para o comportamento das mulheres. (Cavalcanti, 2015) Para além de enquadrarmos Paulo na sua época, no seu meio, na seus estudos e na sua origem teremos de o pensar imparcialmente como se apagássemos tudo o que sabemos sobre o Cristianismo e o nosso primeiro contacto fossem aos escritos de Paulo.

Não podemos esquecer que o primeiro texto que aparece no novo testamento dos 27 livros que o compõem é a carta aos Tessalonicenses seguindo-se as outras também escritas por Ele. (Lourenço 2017, Vol. II p. 153)

Perceber o pensamento de Paulo sobre o papel da mulher na sociedade e na sua igreja mantém-se um tema atual e complexo. A compreensão do “lugar da mulher” nos escritos paulinos é um assunto que não se nos afigura como “definitivo”. Difícil, porque nos últimos anos tem sido dado ênfase a determinadas frases de Paulo que, provavelmente, outros as modificaram, mas que convenientemente podem ser atribuídas a Paulo. Como exemplo alguns quadrantes da Igreja católica insistem em que as mulheres tenham um papel mais ativo focando aspectos das igrejas primitivas, contudo muitos outros continuam a afastar a mulher de ações que são unicamente atribuídas aos homens. Alguns setores feministas apontam-no como misógino. As diferentes interpretações que têm sido feitas da visão de Paulo sobre as mulheres baseadas, no que Lucas escreveu nos Atos dos Apóstolos podem ter sido deturpadas pelo facto de Lucas e Paulo poderem ter sido ou não contemporâneos, segundo alguns autores os Atos dos Apóstolos podem ter sido escritos entre o ano 60, em redor da morte de Paulo, e 150/175 (Pereira C., 2020, p. 30), temos no entanto que atender ao que Paulo escreveu na Carta aos Colossenses, que coloca Lucas como um profissional ligado à medicina (Cl. 4, 10) - «Lucas, o médico amado». O que Paulo escreveu nas suas cartas tem proporcionado numerosos debates. Apesar de podermos conceptualizar que por vezes pode haver ambiguidade no pensamento de Paulo este tema é transversal ao cristianismo. Analisar o que Paulo pensou, disse e escreveu passados mais de 2000 anos terá de ser equacionado dentro da estrutura histórica, geopolítica, socioeconómico e cultural da época sob o domínio greco-romano. Paulo pode ser considerado uma das figuras essenciais do cristianismo e da sua universalização, levando como consequência a uma pesquisa exaustiva, durante séculos sobre esta figura. Os comentários,

obviamente não são coincidentes, relativamente ao que escreveu, mas sempre que alguém pretende tomar determinado partido os textos de Paulo figuram na primeira linha da controvérsia. Desde os tempos antigos e até à atualidade os textos sofreram diferentes interpretações de acordo com a época, principalmente no mundo ocidental. Basta atentar num aspeto deveras curioso só em relação a uma frase que Paulo disse aos romanos em 3: 28 “consideramos ser pela fé que o homem é tornado justo, independentemente de obras de lei” Lutero acrescenta-lhe o advérbio “somente” o que ficaria assim “consideramos ser somente por fé que o homem é tornado justo” (Lourenço, 2017, Vol. II p. 160).

Muito provavelmente se estas questões tivessem sido levantadas no início do cristianismo e analisadas noutro contexto social teriam levado a uma diferente evolução do cristianismo? Teriam abalado a figura de Paulo e os seus conceitos? Estas aparentes contradições têm levantado alguns problemas à igreja, nomeadamente em questões de autoridade, interpretação bíblica e mesmo questões de organização da família (Toews, 1980). Relativamente a questões de organização de família Paulo é contestado por não ser adepto da estrutura de família cristã que conhecemos atualmente. Face ao período em que vive e sobretudo como esperava muito em breve a segunda vinda de Cristo (Parousia) e toda a transformação da espiritualidade que essa vinda implicava, Paulo não se afirmava como grande partidário do casamento. Por isso dizia “se fosse necessário que o fizessem, mas era preferível manterem-se solteiros e castos como Ele” (Lourenço, 2017, VII p. 157). Também tem sido contestado por ser frontalmente contra todas as formas de homossexualidade. As suas afirmações sobre este tema são incontestáveis (Lourenço, 2017, Vol. II p. 157).

Segundo Calvacanti foi no ensaio bíblico hermenêutico de Krister Stendahl, denominado *The Bible and the role of Women* (Cavalcanti, 2015, p. 3) que terá sido das primeiras vezes em que é abordada a atuação da mulher na igreja e onde também se recomendam as leituras sobre as interpretações de Lutero relativas à relação de Paulo e as mulheres. Posteriormente seguem-se outros autores que começam a interessar-se e a investigar Paulo e as suas repercussões no mundo moderno. Elisabeth Schüssler Fiorenza no seu livro *In Memory of Her: A Feminist Theological Reconstruction of Christian Origin* foi uma das primeiras senão a primeira mulher, a propor uma releitura dos escritos de Paulo. É a partir de 1980 que emergem cada vez mais escritos e mais debates da visão de Paulo sobre a mulher (Cavalcanti, 2015).

Perceber o que Paulo pensava sobre as mulheres continua a ser assim um tema da atualidade e de modo algum acabado. Enquanto a maioria dos investigadores forem homens e

que toda a igreja tem assentado e assente num regime patriarcal não há possibilidade de ver Paulo imparcialmente. Não podemos esquecer que os apóstolos eram homens, raras são as mulheres dedicadas à santidade e os evangelhos foram escritos por homens.

Ao escolher este tema foram muitas as questões que colocámos

Há formas de reinventar Paulo?

O que é que a Igreja tem feito para preservar a imagem de Paulo?

Paulo foi tão importante como se tem dito ou foi unicamente manobrado quando conveniente pela Igreja?

Haverá argumentos imparciais sobre Paulo?

É mesmo verdade que Paulo se preocupou com alguns comportamentos das mulheres? Ou preocupou-se com o comportamento feminino e masculino no geral? Ou não se preocupou minimamente e todas as afirmações que fazia tinha unicamente o intuito de não levantar polémicas dentro das suas comunidades e ser mais fácil assim passar a mensagem de Cristo.

Muitas outras perguntas e dúvidas surgirão no decurso deste trabalho. Algumas respostas ficarão aquém do pretendido outras provavelmente manter-se-ão. Não pretendemos colocarmo-nos perto dos grandes historiadores e teólogos os quais são fontes valiosas de ensinamentos e de ideias para este trabalho. Será obviamente expectável que no fim apesar da muita dedicação muito ficará por esclarecer.

Iniciamos este trabalho pegando nas frases das cartas de Paulo que mais polémica têm levantado relativamente ao seu relacionamento e pensamento sobre as mulheres. Referenciamos algumas passagens em que Paulo ao ter a grande expectativa que a 2ª vinda de Cristo estava prestes a acontecer e querendo que homens e mulheres se portassem como imitadores de Cristo adverte-os sem fazer qualquer distinção de género, corroborando talvez que ele queria acima de tudo converter a humanidade.

A escolha surgiu quando nos apercebemos da força anímica de um homem frágil de pequena estatura, cheio de maleitas, helenista e fariseu que se “converte” ou é “conquistado” na estrada de Damasco. O que leva um homem extremamente culto e com um estatuto socioeconómico bastante desejável a abdicar de uma vida confortável e pregar por um homem que tinha morrido como “um ladrão”, condenado pelo Império Romano do ponto de vista religioso e político (Ribeiro, 2009).

Paulo foi sem dúvida o apóstolo de Cristo e é nesse sentido que nos pareceu atrativo abordar alguns escritos de Paulo e discuti-los tendo em conta a realidade para uns e para outros.

Assim, efetuamos uma pesquisa bibliográfica e seguindo uma construção já amplamente observada em outros textos iniciamos este trabalho com a descrição histórica geopolítica e socioeconómica da região e da época em que Paulo viveu, porque a história faz parte de um passado que se continua no presente e no futuro e não é possível entender-se os cruzamentos das culturas gregas romanas judaicas e do cristianismo se não estivermos familiarizados com as matérias do Mundo Antigo, (Cohen N., 2017). Seguidamente pareceu-nos relevante referir como tinha sido a importância da mulher ao longo dos anos até chegar à época de Paulo enquadrando-a assim no nosso tema. Efetuamos uma análise sobre a cultura e o pensamento de Paulo e por fim tendo por base as suas Epístolas, os Atos dos Apóstolos e as opiniões de diversos investigadores nomeadamente filósofos e teólogos utilizamos um método comparativo para analisar alguns escritos mais polémicos e outros que nos pareceram relevantes, seguimos uma metodologia histórica e narrativa e não propriamente dita teológica porque como diz Carreira das Neves (2011) “as cartas são circunstanciais e só conhecendo as circunstâncias podemos reconhecer o autor das mesmas”.

Talvez seja um tema já demasiado debatido, demasiado abrangente, mas a realidade que Paulo tem de Cristo, a realidade da mulher na época de Paulo não é demais ser repensada. Este foi de facto o nosso principal motivo: tentar redescobrir Paulo.

1. Contexto histórico-geográfico e político: criação dum estado

A origem do povo Hebreu, como a de tantos outros povos é ainda pouco clara por escassez de fontes históricas. Seguramente povos Semitas, portanto literariamente descendentes de Sem, filho de Noé que teve dois filhos: Heber que deu origem aos Hebreus e Aram aos Arameus. Estes povos são, de facto, irmãos de tradição e de origem linguística, fazendo algum percurso em comum (Lévêque, 2019).

A Bíblia é a principal fonte para tentar uma narrativa histórica o mais rigorosa possível, mas temos de entender que esta tem uma finalidade religiosa e, portanto, a narrativa histórica e política que contem está orientada em função disso.

Recorrendo ao Genesis¹ devemos assumir que todos os Hebreus têm um antepassado comum: Abraão de quem terão descendido as doze tribos de Israel, terá iniciado um percurso migratório acompanhado pelo grupo de Lot dos Arameus com o seu clã levando o gado que vai de Ur, no sul da Mesopotâmia até Harran na Turquia, onde ficam os Arameus, seguidamente descem em direção a Canaã onde chegam calcula-se cerca de 1900 a.C. Os textos da cidade de Mari indicam grandes migrações de pastores nessas datas (Vaux, 1971).

Inicialmente a sua chegada a esse destino foi pacífica, tendo acampado em locais livres e com condições para a pastorícia, na chamada época Patriarcal. Poucos anos depois um período de fome importante levou à migração de um grande número de Hebreus para as terras férteis do Egipto, este processo foi liderado por José do Egipto,^{2 3} após se ter reencontrado com os seus irmãos. Foi assim que se instalaram no Egipto antes de serem escravizados e libertados por Moisés.

Ramsés II que governou o Egipto mais de sessenta anos oprimiu duramente o povo Hebreu com trabalho forçado na construção de uma cidade e de armazéns no delta do Nilo. Seguindo os Livros dos Números e o Êxodo, Moisés consegue a libertação do povo e inicia a fuga para a Canaã. Essa fuga terá sido faseada, mas o grupo principal era liderado por Moisés. O ponto de encontro terá sido Cadesh, uma zona fértil onde seria fácil subsistir no meio do deserto, facto que pode ajudar a explicar a duração de 40 anos desta migração,⁴ Contudo

¹ Genesis 11:27-38

² José era filho de Jacob e Raquel e foi vendido pelos seus irmãos.

³ Genesis 37:50

⁴ Números 10

segundo a bíblia e a Torá é interpretado como uma forma de castigo. O povo tinha ofendido o Senhor e tinha duvidado e revoltado contra Ele.⁵

A partir daqui seguem duas vias para a entrada em Canaã e a sua conquista: o grupo de Caleb segue através do deserto para o sul da Palestina e o grupo de Moisés vai para leste para contornar o Mar Morto pelo Norte. Com a morte de Moisés este grupo passa a ser comandado por Josué. O processo de conquista foi facilitado por não existir em Canaã um poder central, mas antes um conjunto de cidades-estado fortificadas. Josué foi um grande chefe militar, mas como ele próprio reconheceu, pouco antes da sua morte, “resta muito por conquistar”.^{6,7}

Entramos aqui na época dos juízes de 1150 a 900 AC, que eram grandes chefes militares convocados pelas tribos com funções variadas desde militares ao exercício da justiça. Um dos mais famosos foi uma mulher: a juíza Débora.⁸

Pela sua localização geográfica a Palestina servia de passagem entre o Egipto e a Mesopotâmia e era frequentemente invadida por esses povos vizinhos muito poderosos, incluindo os belicosos Filisteus localizados na faixa litoral. Face à organização tribal dos Hebreus fica evidente que para enfrentar estes desafios era necessário um poder central e foi essa obrigação que levou à instituição da monarquia. (Tavares, 2002).

Samuel era simultaneamente sacerdote e juiz. Os seus filhos que dever-lhe-iam suceder eram corruptos, o povo não estava satisfeito e queria um rei da mesma maneira que existia nas outras nações deveria ser forte o suficiente para agregar as pessoas unificar as tribos pelo que Samuel embora contrafeito teve de ceder.⁹ Saul foi o escolhido tendo sido feito rei mesmo no campo de batalha com a missão de combater os Filisteus e recuperar a Arca da Aliança que eles haviam roubado. Apesar de ter vencido numerosas batalhas não chegou a criar um estado estruturado. Seguiu-se-lhe David que venceu os Filisteus e todos os povos circundantes, sendo a sua actividade diplomática importante como o demonstram várias alianças com outros povos nomeadamente os Fenícios (Tavares, 2002). Salomão foi o terceiro

⁵ Números 14 ³⁴Segundo o número dos dias em que espiastes esta terra, quarenta dias, cada dia representando um ano, levareis sobre vós as vossas iniquidades quarenta anos, e conhecereis o meu afastamento. ³⁵Eu, o Senhor, falei; assim farei a toda esta má congregação, que se levantou contra mim; neste deserto se consumirão, e aí falecerão.

⁶ Josué 9-13

⁷ Eclesiásticos 46:1-10

⁸ Juízes 3,4,6

⁹ Samuel 8:6 Porém esta palavra pareceu mal aos olhos de Samuel, quando disseram: Dá-nos um rei, para que nos julgue. E Samuel orou ao Senhor.

rei; extremamente culto tornou Jerusalém um dos centros culturais mais importantes na época. Desenvolveu o comércio e o exército, mas a segunda metade do seu reinado foi marcada por intensas contestações, quer por ter permitido o culto a deuses estrangeiros, quer por revoltas dos trabalhadores, demasiado oprimidos e sobrecarregados de impostos. Esta instabilidade levou a ameaças do exterior tendo os reis dos países vizinhos passado a adversários.

Apenas neste período de 1037 a 931 a.C. estes três reis conseguiram manter unificadas as tribos estruturando assim um estado.

Salomão morre em 930 a.C. sendo aclamado o seu filho mais velho Roboão, mas as tribos do Norte preferiram Jeroboão, um príncipe exilado no Egito. São assim criados dois reinos: o do Norte conhecido por Samaria ou Israel governado por Jeroboão e o do Sul, reino da Judeia governado por Roboão. Tal divisão vai implicar uma nítida redução do potencial militar nos dois reinos ainda agravado por guerras entre eles. Como Jerusalém ficava no reino da Judeia, Jeroboão procurando evitar que o seu povo aí se desloque vai incentivar o culto ancestral do bezerro de ouro separando o povo do culto a Javé. É curioso lembrar que o seu exílio se deveu precisamente ao facto de se ter oposto a Salomão por este ter permitido esses cultos. Assim estando os dois reinos fragilizados dá-se a queda de Samaria em 722 a.C. sob Sardão II e da Judeia em 587/586, data da destruição de Jerusalém e do seu templo por Nabucodonosor. (Tavares, 2002).

Nesta altura uma importante parte da população hebraica é deportada para a Mesopotâmia começando então o cativeiro da Babilónia¹⁰. Se bem que uma fase obscura em que há perda da independência, dispersão da população por toda a Mesopotâmia e deterioração dos costumes e das práticas religiosas, o facto da família real estar na Babilónia leva a um movimento coletivo de resistência e meditação com a criação das Sinagogas. Foi assim que nasceu a diáspora judaica. Note-se que a cultura Babilónica influenciou marcadamente a Hebraica como por exemplo nos códigos legais como o de Hamurabi e nos textos bíblicos como na criação e no dilúvio entre outros (Grimberg, 1965). O Cativeiro terá durado mais de 50 anos, até 539 a.C., altura em que o Império Persa conquista a Babilónia. Ciro, o seu imperador, concede permissão para regressarem ao seu país e reconstruírem o templo, cuja obra se conclui em 515 a.C. (Cavadas, 2020). A partir desta altura há uma paz duradoura e a tolerância dos Persas permite a restauração da religião e dos costumes tradicionais tendo sido nesta altura que

¹⁰ Reis 24, 10-17 e 25, 4-17

é sistematizada a Tora em cinco livros¹¹ sendo equivalentes ao Pentateuco da bíblia cristã: conta a história da criação do mundo por Deus, até a chegada do povo judeu em Israel e a morte de Moisés no monte Nobe.

Em 332 a.C. são invadidos por Alexandre o Grande que implementou uma cultura helenista. Alexandre admirava os judeus e a interação era de tal modo pacífica que foi ordenado que um rolo da Tora fosse escrito em grego. Foi também para o grego que a primeira bíblia foi traduzida em Alexandria (Septuaginta).¹²

Após a sua morte o Império é dividido em quatro partes pelos seus lugares-tenentes, mas sobrevivem apenas dois: os Ptolomeus e os Selêucidas. Inicialmente os Judeus eram governados pelos Ptolomeus, mas após a batalha de Panias em 198 a.C. ficaram sob o domínio de Antíoco um rei Selêucida. Durante este período o povo judeu sofreu um processo progressivo e muito mais agressivo de aculturação grega, tendo sido significativo, por exemplo, a obrigatoriedade de terem dois nomes um hebraico e outro grego. Começam, portanto, a haver grandes dissidências: se uns aceitavam a cultura helenística outros não. O que tinha sido uma forma de aproximação entre os gregos e os judeus era agora fonte de discórdia. O rei Antíoco chegou mesmo a proibir o ensino e o culto judaico tendo mesmo profanado o templo ao colocar lá a estátua de Zeus e tendo-lhe sacrificado porcos. Obviamente os judeus odiavam esta situação pelo que em 167 a.C. se dá a revolta dos Macabeus¹³ liderada por Matatias e seu filho Judas Macabeu, iniciando após alguns anos de luta a dinastia dos Asmoneus que marca a restauração dum estado Judaico independente (Montefiori, 2020).

A Palestina foi conquistada pelos romanos em 63 a.C. por Pompeu, tendo sido anexada à Síria que também tinha sido conquistada por ele um ano antes. O seu objetivo primordial aparentemente era pôr fim à guerra civil entre Hircano II e Aristóbulo II. Os dois irmãos Asmoneus que disputavam o trono. Aristóbulo II foi derrotado sendo feito prisioneiro por Pompeu. Hircano II ficou unicamente com o poder religioso, sendo a província dividida em 11 distritos ficando totalmente dependente de Roma. Pompeu colocou Antipatro, um nobre Idumeu apoiante dos Asmoneus a governar a Palestina. Foi pai de Herodes, o grande. (Monteiro, 2013; Macharetti, 2020; Montefiori, 2020; Seeanner, 2015).

¹¹ **Bereshit**, conhecido também como Gênesis; **Shemot**, conhecido também como Êxodo; **Vayikrah**, conhecido também como Levítico; **Bamidbar**, conhecido também como Números; **Devarim**, conhecido também como Deuteronômio : conjunto dos cinco primeiros livros da Bíblia

¹² A palavra “septuaginta” vem de “setenta” em grego. De acordo com a tradição, a tradução terá sido feita por 70 ou 72, sábios judeus na cidade de Alexandria, é uma das primeiras traduções do antigo testamento. Ficou assim conhecida por septuaginta ou LXX; ultimamente tem sido advogado que trata-se de uma lenda (Lourengo 2017)

¹³ Macabeu também conhecido por Hasmoneus foi o nome dado a uma família sacerdotal judaica que liderou uma revolta contra o helenismo

Em 49 a.C. César iniciou uma guerra com Pompeu. Antipatro tomou o partido de César que em agradecimento por este auxílio o nomeia procurador, dando-lhe o título de etnarca dos judeus. Concede a Hircano II o cargo de Sumo-Sacerdote e finalmente dando aos seus filhos o governo da Judeia (Fasel) e da Galileia (Herodes). Herodes o grande, cedo demonstrou enormes ambições. Graças à pouca capacidade de governação de Hircano II consegue rapidamente cair nas boas graças dos romanos servindo-se de numerosos subterfúgios, apoiando quem mais lhe conviesse, usando quer a violência quer a intriga ou a adulação. Era sempre subserviente ao lado vencedor (Monteiro, 2013; Montefiori, 2020).

Foi assim que anos mais tarde por proposta Octávio ‘tinha sido Marco António que o tinha proposto, mas como este tinha perdido uma batalha com Octávio, Herodes coloca-se ao lado de Octávio’ o senado de Roma nomeia-o Rei da Judeia e amigo do povo de Roma “*rex socius et amicus populi Romani*”. Para manter a sua hegemonia marcada pelo terror e pela violência serviu-se de numerosos subterfúgios chegando mesmo a eliminar parentes como o irmão e a mulher, bem como os restantes Asmoneus ou qualquer personalidade que lhe pudesse fazer frente. Face a esta conduta o ódio dos judeus era crescente. Herodes então tentando minorar esta situação, iniciou a chamada reconstrução do templo em 20 a.C. bem como outras obras ficando o troço da muralha onde hoje oram os judeus (Selvatici, 2015).

Após a sua morte os seus três filhos dividem o reino ficando para Herodes Arquelau a Judeia, Samaria e Idumeia, para Herodes Antipas a Galileia e a Pereia e para Filipe as regiões de Itureia, Traconites, Gaulanites, Bataneia e Auranites. Augusto ratificou o testamento de Herodes, mas pressentindo a incapacidade de Arquelau alterou algumas partes. Este ficaria unicamente com o título de etnarca da Judeia, enquanto Antipas fica com Samaria e Idumeia e tetrarca da Galileia e de Pereia e Filipe como tetrarca do remanescente (Macharetti, 2020).

Arquelau impôs um regime de luxo, extravagante e de repressão. Era de todo inapto, o que levou Augusto a depô-lo. A Judeia passou então a ser uma província de Roma sendo governada por um procurador. Foram nomeados sucessivamente Capônio (6-9 d.C.); Marco Ambívio (9-12 d.C.), Ânio Rufo (12-15 d.C.), Valério Grato (15-26 d.C.) e finalmente Pôncio Pilatos (26-36 d.C.). (Monteiro, 2013).

Para além da submissão a Roma ser humilhante, havia o facto de os romanos terem obrigado a um censo para registar os pagadores de impostos e, portanto, forçar todos ao pagamento de impostos individuais e por bens imóveis (Macharetti, 2020; Montefiori, 2020).

Os judeus apesar de submetidos ao poder de Roma gozavam de alguns privilégios em comparação com outros povos anexados, nomeadamente não precisavam de adorar os deuses

romanos, nem o imperador que a si próprio se intitulava como deus. Podiam usar a sua língua e praticar a sua religião. Até tinham possibilidade de retirar os estandartes romanos e mesmo matar qualquer pagão que fosse ao templo (Seeanner, 2015).

Herodes Antipas¹⁴ foi, portanto, ganhando mais poder e sobre um território cada vez mais extenso. O seu estilo não é diferente do seu pai. Manda edificar uma cidade com características helenísticas chamando-lhe Tiberíades, em honra do imperador Tibério. Era muito submisso ao poder de Roma. Apesar de manter um contacto formal com as práticas religiosas judaicas, também afrontou o seu povo com inúmeros escândalos contra a lei judaica como o seu casamento imoral para os preceitos judaicos; reprimia violentamente o seu povo e mantinha os assassinatos como forma de afastar os adversários de que referiremos apenas a decapitação de João Batista e a condenação de Jesus Cristo (Grimberg, 1965).

Não conseguia gerir problemas graves, como os impostos ou a recusa dos judeus em colocar uma estátua de Calígula no templo. Tudo isto ainda foi mais acentuadamente agravado com a chegada de Jesus com comportamento religioso e social não conforme com alguns preceitos da altura quer judaicos quer romanos, postura essa mantida posteriormente pelos seus seguidores nomeadamente Paulo (Monteiro, 2013).

Tal conjuntura criou um ambiente de grande tensão económica, social e política, que os seus sucessores Herodes Agripa I e posteriormente Agripa II tentaram melhorar. Foi no reinado de Agripa II que as obras do templo terminaram. Havia como que um triunvirato apaziguador de governação constituído por Agripa II, o sumo-sacerdote e o procurador romano que estava em Cesareia. Jerusalém era a capital religiosa sendo Cesareia a capital política (Seeanner, 2015).

Como se pode perceber havendo uma diversidade tão grande e tendo estado anos sob influência grega algumas das cidades apresentavam uma cultura helenizada, no entanto as outras eram completamente “orientalizadas”. Esta diversidade leva não só a um messianismo exacerbado, como ao aparecimento de seitas político-religiosas. A corrupção dos governadores que estavam completamente submetidos a Roma agravaram a tensão interna e ainda mais porque começaram também lutas internas entre os judeus: entre saduceus e fariseus. Parte da população era a favor e outros eram contra a guerra com Roma. O rei Agripa II tenta ainda convencer os mais rebeldes a fazerem a paz, mas o aparecimento dos zelotas que eram radicais apoiados por alguma população e ainda as perseguições aos cristãos culminando com a morte de Tiago levam a insurreições incontroláveis e tornam inevitável a guerra entre judeus e Roma.

¹⁴ Herodes Antipas: Herodes dos Evangelhos.

Nero vê-se obrigado a enviar Vespasiano para combater a insurreição do povo. Esta guerra termina com a vitória de Roma (Monteiro, 2013; Macharetti, 2020; Seeanner, 2015).

É neste período de desorientação completa, governação ineficaz e descontrolada que o povo sedento de paz e provavelmente de novos conhecimentos, sempre esperando o Messias que surge Paulo, um dos maiores seguidores de Cristo Jesus na teologia paulina. Na perspetiva do judaísmo apocalíptico Paulo tem por Cristo a mesma afeição que tinha pelo Deus de Israel. Para o Apóstolo, a vida será passar a viver em Cristo, "ele me amou e se entregou à morte por mim" (Schweitzer, 1999).

E segundo o próprio, é evidente na carta que escreve a Timóteo 1:12-16

“E dou graças ao que me tem confortado, a Cristo Jesus Senhor nosso, porque me teve por fiel, pondo-me no ministério;
A mim, que dantes fui blasfemo, e perseguidor, e injurioso; mas alcancei misericórdia, porque o fiz ignorantemente, na incredulidade.
E a graça de nosso Senhor superabundou com a fé e amor que há em Jesus Cristo.
Esta é uma palavra fiel, e digna de toda a aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal.
Mas por isso alcancei misericórdia, para que em mim, que sou o principal, Jesus Cristo mostrasse toda a sua longanimidade, para exemplo dos que haviam de crer nele para a vida eterna.”

Provavelmente poderemos inferir que o momento era hostil a Paulo, mas também face a toda esta sucessão de quezílias aguardava-se a vinda de tempos melhores. É neste contexto que Paulo vai começar a sua vida de pregador aos gentios e largar as suas sementes. O passado de Paulo carregado de história e tradições está-lhe no âmago nos seus primeiros anos, a cultura helenística irá posteriormente facilitar-lhe o diálogo com os diferentes povos, a submissão ao império de Roma que governava na altura dá-lhe espaço para por um lado seguir determinados princípios e por outro lado leva-o a confrontá-lo politicamente no espaço público.

2. Contexto socioeconómico e os grupos judaicos

2. 1. Situação socioeconómica na Palestina

A Palestina vivia fundamentalmente da agricultura, do pastoreio e da pesca. Existiam pequenas cidades onde eram realizados mercados que proporcionavam a venda ou a troca de alguns produtos, sendo a circulação de dinheiro escassa. Em Jerusalém a situação era diferente aí havia já trocas e vendas de produtos em quantidades muito maiores, já que esta era a capital política, económica e religiosa da Palestina. Face a estas características era em Jerusalém que se fixavam os grandes comerciantes. Aqui também já se importavam produtos de luxo para as elites. Os grandes mercadores também exportavam alguns bens como frutas, vinho e perfumes. A circulação da moeda era muito mais importante (Seeanner, 2015).

Os impostos eram um fator essencial na compreensão das crises socioeconómicas na Palestina. Apesar do grau de autonomia que lhes foi concedido, em matéria fiscal tinham de cumprir o emanado por Roma. O regime era perverso, autocrático e altamente corrupto. Os impostos eram cobrados tanto por romanos quanto por judeus. Os impostos romanos dividiam-se em diretos, pessoais e cobrados sobre os produtos - o denário, e indiretos, que compreendiam o que lhes aprouvesse como as portagens, entrada nas cidades, passagem em pontes, atravessar rios ou outros. Os impostos judaicos eram os do templo, destinados à sua conservação e ao pagamento dos sacerdotes;

“o primeiro dízimo, a décima parte do primeiro produto da terra (ou primícias) e da agropecuária; o segundo dízimo, que deveria ser gasto em festa e beneficência, a ser pago no primeiro, segundo, quarto, quinto anos numa série de sete anos e cobrado do produto da terra e do gado; o terceiro dízimo ou dízimo dos pobres, a ser pago no terceiro e sexto anos, destinado aos órfãos, viúvas e prosélitos; as rendas do quarto ano, que prescrevia que o produtor, ao colher o produto da terra nos três primeiros anos, gastaria o resultado dessa primeira colheita em Jerusalém” (Bastos, 2016).

A situação era angustiante para a grande maioria da população pois a carga de impostos era enorme, sendo difícil o seu cumprimento. Os judeus suportavam muito mal as pesadas imposições romanas (Seeanner, 2015; Lévêque, 2019) Obviamente que esta situação levava frequentemente a motins uma vez que era difícil aos judeus viverem com uma carga fiscal tão elevada imposta pelos romanos. Jerusalém controlava toda a economia, também detinha a manutenção da ordem pública, o poder fiscal e a observância da justiça. Curiosamente eram os romanos que garantiam a cobrança do imposto a pagar ao templo e a sua entrega aos sacerdotes. (Bastos, 2016; Santos, 2015).

Socialmente a comunidade podia ser dividida em grupos segundo o poder económico. Contudo, as diferenças sociais na Palestina não eram regidas exclusivamente nesses termos, havia outros critérios tão importantes como ser rico ou pobre, dos quais destacamos a etnia, o género, a função dentro da religião ou na sociedade. Esta tinha uma estrutura piramidal. No topo da classe alta vinham o rei, o sumo-sacerdote e o governador. Depois os ricos, funcionários e os detentores de cargos significativos dentro do Estado como os chefes dos sacerdotes e os levitas, o grupo de anciãos constituíam o Sinédrio, a chamada nobreza laica que na sua maioria eram saduceus “os primeiros em dignidade” e a corte rica. Logo abaixo vinham os proprietários de terra, e os latifundiários, famílias tradicionais donas de terras. Seguiam-se os grandes comerciantes dos mercados sobretudo de Jerusalém e, claro, os cobradores de impostos. (Bastos, 2016).

A seguir vinha a chamada classe média que incluía os sacerdotes, pequenos e médios proprietários rurais ou comerciantes, e artesãos. Os membros desta classe se tivessem negócios com o templo melhoravam muito a sua situação económica e estatuto social (Seeanner, 2015).

Por fim, a classe baixa, que englobava toda a restante população que ia desde os pequenos artesãos ou arrendatários rurais até aos criados e aos marginalizados como ladrões, viúvas, doentes incapazes de trabalhar. (Santos, 2015) Uma nota especial para dois grupos sociais: os escribas e os escravos. Os escribas pertenciam na sua grande maioria à classe pobre. Viviam de ajudas institucionais ou das pessoas a quem prestavam serviços. Convém referir que em 60-70 d.C. os escribas passaram a fazer parte da classe alta. O poder do escriba derivava sobretudo do que tinham aprendido e com quem tinham aprendido e até poderiam chegar a ser chamados Rabinos. Além dos chefes dos sacerdotes e membros de algumas famílias eram os únicos que podiam entrar no Sinédrio, pertenciam sobretudo ao partido farisaico. Os escravos eram numerosos e os grandes trabalhadores nesta altura. Não eram considerados pessoas, mas como qualquer ‘coisa’ que o ‘dono’ podia comprar ou vender conforme lhe fosse mais útil. Basta lembrar que um senhor ou alguém que não conseguisse pagar uma dívida poderia tornar-se escravo. Como já referido os romanos e o templo obrigavam ao pagamento de impostos muito pesados. Como será fácil de entender se excluirmos a classe alta, para a restante população a dificuldade em cumprirem com o pagamento era enorme ficando obviamente muitas vezes por se pagar (Seeanner, 2015; Bastos, 2016).

Importante na vivência deste povo era a sua religiosidade onde imperava entre outras regras o culto da caridade. Na comunidade cristã a oferta era voluntária e ajudavam os pobres de vários modos incluindo com coletas. Na comunidade judaica havia a ‘tigela dos pobres’,

com distribuição diária dos alimentos e a ‘cesta dos pobres’, com distribuição semanal de roupas, comida ou outros bens essenciais; fazia parte da caridade ajudar os pobres, inclusivamente com um ano sabático e com o dízimo dos pobres e nas colheitas. Por vezes o templo fornecia instalações para os pobres. (Bastos, 2016; Silva, 2015).

Importante também na economia eram os proventos adquiridos com as festas que também serviam para celebrar a sua história e manter e transmitir as tradições. As mais importantes eram a Páscoa, que recordava a libertação da escravidão no Egito, Pentecostes, que ocorria na época da colheita e recordava a aliança no Sinai, e Tendas, que festeja o próprio templo. Havia ainda a festa da circuncisão, a guarda do sábado e a oração quotidiana (Seeanner, 2015).

2.2. Grupos judaicos

Apesar do domínio romano imperar por toda a região, a estrutura judaica mantinha numerosas fações e grupos tradicionais com muitas diferenças ideológicas. Para além dos considerados mais importantes e maioritários que a seguir referiremos havia ainda alguns grupos minoritários, mas por vezes não menos importantes (Silva, 2016).

2.2.1. Fariseus

Os fariseus, isto é, separado dos santos pertenciam na sua maioria à classe alta; eram leigos, apesar de não terem formação de escribas, mantinham laços estreitos com estes. Eram completamente rígidos no cumprimento da lei e das tradições. Os seus líderes eram chamados Rabinos e dedicavam-se a estudar as Escrituras. Um deles, de que voltaremos a falar era Gamaliel (Atos 5:34). Eram admirados pelo povo embora o desprezassem. Para os fariseus a defesa dos rituais de pureza, a obediência ao sábado, a obrigatoriedade do dízimo, os cumprimentos das restrições dos alimentos, inclusivamente na sua confeção, eram essenciais. Opunham-se à romanização e à helenização. Alguns eram membros do Sinédrio. O seu objetivo era divulgar a interpretação da lei escrita ou oral. Consideravam-se sucessores de Esdras¹⁵ e acreditavam na ressurreição dos mortos, no livre-arbítrio e na onnipresença de Deus (Atos 23: 1-8) Entretanto, eram avaros (Lucas 16:14) e orgulhosos, gabando-se frequentemente das suas qualidades morais. Segundo o evangelho de São Marcos foram os principais oponentes a Jesus. (Marcos 8: 11)

¹⁵ Esdras: escriba e sacerdote que liderou um grande grupo de retorno do cativeiro da Babilónia.

2.2.2 Saduceus

Os saduceus foram um grupo importante entre os séculos 2 a.C. e o século 1 d.C. Para alguns historiadores” saduceu” deriva de Sadoc que foi o sacerdote mais importante no reinado de David. Foi durante a dinastia Asmoneia que se constituíram. Era um grupo de elite proveniente de famílias do alto clero, influentes sobretudo entre os governantes e abastados.

Seguiam as leis escritas na Torá. Por influência do Helenismo e do paganismo não acreditavam na vida depois da morte (Marcos 12:18) e negavam qualquer existência de mundo espiritual, controlavam a riqueza do templo e tinham um papel preponderante no sinédrio.

As divergências entre os fariseus e os saduceus eram evidentes. Frequentemente entravam em discussões polémicas (Silva, 2016).

2.2.3 Essénios

Os essénios eram um grupo minoritário inicialmente ligado ao clero, tendo-se afastado em protesto e ido viver para o deserto, escolhendo nem combater os romanos nem viver com eles. Isolaram-se da civilização. Rejeitavam a adoração no templo e recusavam qualquer festival em Jerusalém. Só os descendentes de Sadoc eram considerados legítimos e eles julgavam-se descendentes de Sadoc. Aguardavam a vinda de um profeta, de dois messias, de um rei e de um sacerdote. Acreditavam no batismo por imersão como forma de purificação. Viviam em comunidade. (Silva, 2016)

2.2.4 Outros Grupos

Há dois grupos que poderiam ter sido na altura descritos como seitas que são os primeiros cristãos e a comunidade de Khirbet Qumran que poderá ser idêntica ou coincidir com os essénios – a esta comunidade se deve a preservação dos manuscritos do mar morto. Para além dos rituais de pureza com banhos frequentes obedeciam a regras severas e punições muito para lá do que a Torá exigia. Estes grupos definiam claramente os membros dos não membros, tinham maneiras próprias de enquadrar a Bíblia hebraica em relação ao que acontecia, viviam na expectativa do mistério de Deus e viam-se a si próprios como o verdadeiro povo de Israel. Eles estavam certos todos os outros errados. O cristianismo sobreviveu e foi a única chamada seita judaica a fazê-lo. No início o grupo cristão era constituído por poucas pessoas e com escassa educação, após a crucificação o seu número cresceu rapidamente alargando-se a outros estratos sociais muito devido à crença dos discípulos que Jesus ressuscitara, ao que se juntou

depois Paulo que espalhou o evangelho por várias terras e que alargou a proclamação do evangelho aos gentios, se bem que Pedro tenha sido o primeiro a alargar a fé de Cristo aos gentios mais tarde retrocedeu e sem dúvida foi Paulo que os conquistou (Barton, 2019, p. 189).

Os herodianos foram um grupo que desapareceu e que apoiou a política governamental. Conspiraram com os fariseus para matar Jesus.

Os zelotas surgiram no século 1 e eram um grupo radical. Opunham-se à ocupação romana. Eram também conhecidos como sicários, devido ao punhal que escondiam e com que atacavam os inimigos. Vinham da classe dos pobres e inicialmente foram confundidos com ladrões. Respeitavam o templo e a lei, mas opunham-se ao helenismo e ao domínio romano. Professavam um messianismo extremista e só acreditavam num governo feito por judeus.

Conforme se pode depreender pelo exposto o judaísmo não era uma religião homogénea e solidamente construída.

Podemos conceptualizar que o judaísmo mais do que religião era também uma forma ética de viverem onde imperava as leis da Torá e as tradições. As dissidências e divergências entre vários grupos eram evidentes e não eram de estranhar.

Será lícito e provável afirmar que o movimento criado por Jesus foi uma separação gradual do judaísmo (Bastos, 2016; Santos, 2015; Seeanner, 2015; Silva, 2016).

3 - A Mulher na Antiguidade

3.1. Enquadramento geral

Desde o início da história da humanidade que mulher era considerada, em termos de qualidades, muito diferente do homem. Tudo no feminino, desde a menstruação até à gestação eram sinais importantes de que elas, provavelmente, teriam alguns poderes específicos ou mesmo místicos. “Tal como a lua a mulher tinha ciclos, sendo influenciada por esta, do mesmo modo que as plantas e os animais” (Ribeiro, 2020). No Período Paleolítico não havia desigualdade entre homem e mulher, todos viviam em pequenos grupos muito solidários para conseguir sobreviver num meio ambiente adverso. Quem era marginalizado não sobrevivia. A mulher e o homem partilhavam as funções de caça, recolção, cuidar dos mais velhos e das crianças, fazer instrumentos de pedra e de cerâmica.

O desenvolvimento da agricultura aumentou-lhe sensivelmente o poder. A mulher dominava a natureza sendo considerada a deusa-mãe-natureza, representante da vida e de tudo que existia. Escavações arqueológicas nalguns locais da Palestina revelaram “capelas familiares” com estatuetas femininas indicando a forte presença de um culto da fertilidade. Estas estatuetas são bastante frequentes e dispersas por regiões muito distantes. A mulher podia conceder ao homem o direito de governar. O seu papel foi ao ponto de legitimar os casamentos por alianças políticas. Esta prática manteve-se ao longo de gerações sendo alguns destes casamentos relatados da Bíblia como, por exemplo, o de Salomão com a filha do faraó ou de David com Mical (Ribeiro, 2020).

O ponto de viragem em que passamos a ver o homem dominar e explorar a mulher parece ir surgindo no final do Neolítico e início do Calcolítico. Fatores que o terão condicionado parecem ser a invenção do arado, muito mais pesado, o aparecimento de vilas fortificadas, com as dificuldades inerentes ao esforço da construção das muralhas, a metalurgia do cobre e ao excedente de produção que tem de ser defendido dos outros. Todas estas tarefas essenciais que eram efectuadas pelos homens levaram a uma situação muito subalterna da mulher. Acrescenta-se que nessa altura o homem entendeu que também tem um papel essencial na concepção das crianças, daí as mulheres terem perdido a aura mágica do dom da vida. Desde essa altura e até às civilizações Greco-Romanas o papel das mulheres não se alterou, com duas exceções significativas onde eram particularmente respeitadas e até chegaram a governar: os impérios Hititas e Egípcio (Alambert, 2004).

3.2. As mulheres na sociedade greco-romana e na Judeia.

Analisar como viviam as mulheres na Grécia e Roma clássicas apresenta alguma dificuldade. Por um lado, o que nos chegou até agora é muito pouco e por outro lado raramente havia menção por parte de historiadores a este tema. O que nos chega são citações de filósofos ou então retiradas de comédias cujos autores, apesar de pouco cultos, apontavam o quotidiano da sociedade, como se fosse uma sátira política com base na visão masculina. (Carvalho, 2020) Podemos, no entanto, inferir pelo que nos chega que só o filho do sexo masculino era importante pois o feminino caso o pai quisesse podia renegá-lo atirando-o pela porta até o deixar morrer (Montanelli, 2017).

A Grécia era constituída por numerosas cidades-estado cada uma possuindo organização própria sob o ponto de vista político e económico. Dentro delas algumas apresentavam uma estrutura democrática: todos os cidadãos participavam nas decisões das cidades, no entanto nem todos eram considerados cidadãos. As mulheres, os escravos, as crianças e os estrangeiros não eram cidadãos (Erbert, 2012).

Segundo alguns autores as mulheres estavam divididas em três grupos: as esposas, que ficavam no espaço familiar sem qualquer contacto com outros homens que não fossem da família, sendo a sua única tarefa gerar filhos legítimos; as concubinas, que ajudavam os senhores nas tarefas diárias e as prostitutas ou cortesãs, que trabalhavam em casas específicas tendo duas funções: proporcionar prazer e preservar a castidade das mulheres livres. Ao contrário das esposas, que não tinham qualquer instrução, as prostitutas aprendiam música e dança entre outras artes (Erbert, 2012).

O modo depreciativo como era olhada a mulher fica evidente no pensamento de alguns filósofos, para Platão e Aristóteles, “o verdadeiro amor só era possível entre os homens (dotados de razão), pois as mulheres eram símbolo das virtudes sensíveis e dos prazeres físicos, condições estas que as impediam de alcançar a plenitude da razão, além de que as mulheres eram seres de pior qualidade” (Bechtel, 2002, p. 35). Para Plutarco, “era impossível o amor verdadeiro entre homem e mulher porque entre eles era natural o desejo carnal e tal união só podia ser física e não espiritual” (Erbert, 2012). Aristóteles é ainda mais incisivo ao afirmar “a relação entre homem e mulher consiste no fato de que, por natureza, um é superior, a outra, inferior, um governante, outra governada”, consequentemente “a relação entre homem e mulher é de permanente desigualdade”. “Dada a desigualdade, a mulher e o escravo possuem a virtude que lhes convêm enquanto mulher e escravo, ou seja, a virtude que é apropriada ao

cumprimento de suas funções como mulher e como escravo” (Lopes, 2010, p. 93). “Para Péricles a maior virtude da mulher é saber calar-se” (Bechtel, 2002, p. 35). Era, portanto, natural que mesmo as esposas que eram mulheres livres não pudessem participar nas decisões políticas, pois não possuíam a razão. Por este tipo de visão era óbvio que todas as mulheres eram excluídas. As “esposas dos cidadãos” eram respeitadas e gozavam de proteção do Estado, mas só enquanto não ficassem viúvas. A partir daí, tal como as prostitutas viviam permanentemente em risco de miséria.

A prostituição não era olhada da mesma maneira em todas as cidades. Assim, em Corinto com alguma influência de Egípcios e Persas prestava-se culto a Afrodite, deusa da fecundidade, pelo que a prostituição era sagrada, sendo até lema que cada virgem fosse possuída por um estrangeiro e só depois casar. Era bom para a economia. Os estrangeiros faziam doações aos templos e as virgens adquiriam avultados dotes (Lima, 2003).

A organização Romana era diferente. Havia o senado constituído por elementos da classe aristocrática: os patrícios, que também trabalhavam nas finanças, na administração e na política externa. Além disso eram escolhidos dois cônsules anualmente. Estavam incumbidos de executarem as decisões das assembleias que incorporavam os tribunos das regiões. O título de cidadania era atribuído a qualquer romano livre ou, mais tarde, a oriundos de povos aliados. Contudo a participação dos romanos no exercício da cidadania era mais teórica que prática. Havia uma hierarquização nas decisões. Como dissemos a democratização foi teórica, para evitar conflitos, mas na sua essência eram os aristocratas os decisores (Montanelli, 2017).

Apesar de grandes ostentações no I e II séculos a.C. a miséria e a fome eram uma realidade constante. As mulheres, apesar de mais livres do que na Grécia estavam praticamente excluídas de toda a actividade política. A prostituição era aqui muito mais frequente e encarada como um componente da ordem social, contribuindo para a preservação da mulher e das crianças com nascimentos livres (Ebert, 2012).

Nestas sociedades, para os pobres o nascimento de uma criança do sexo feminino era um passo para ela ser abandonada ou para entrar na prostituição. Para as classes sociais mais abastadas o passo mais lógico seria arranjar um casamento conveniente. De qualquer modo rica ou pobre mais cedo ou mais tarde sofriam da ameaça constante da miséria, sem qualquer participação na vida pública e com muito pouca liberdade. (Carvalho, 2020)

Não bastava a visão greco-romano da mulher, como esta ainda se agrava mais com os judeus: se as mulheres no início dos tempos eram respeitadas, mais tarde e provavelmente por influências de outros povos, nomeadamente no cativo da Babilónia, passaram também a ser

desprezadas. Inicialmente desempenhavam funções na construção da sociedade de que poderíamos destacar Sara, Rebeca, Débora, que foi juíza (Juízes 3,4,6). Algumas chegaram a ser profetizas e muitas vezes envolviam-se em negócios, dando mesmo conselhos aos reis. Vale a pena referir o papel de Miriam que acompanhou Moisés na travessia do deserto (Sobreira, 2019). Elas eram independentes, tomavam decisões e até mesmo no Monte Sinai quando Deus realizou o pacto com Israel estiveram presentes. Posteriormente a situação inverte-se e é elucidativa a forma como o homem recitava a sua oração matinal: “Bendito sejas Tu, Eterno, nosso Deus, Rei do Universo que não me fizeste mulher...” (Kochmann, 2005).

O lugar da mulher era de tal modo inferior que não deviam dirigir a palavra ao homem nem sequer ao marido e não lhes era reconhecida capacidade de testemunhar; alguns rabinos preferiam mesmo queimar a Lei a entregá-la à guarda de uma mulher tendo um estatuto semelhante aos das crianças. (Dias & Pinto, 2006, p. 36) No templo e nas sinagogas as mulheres estavam separadas dos homens. Em casa tinham de servir as refeições, mas não se sentavam à mesa. A mulher era vista como um perigo de tentação, tudo o que ela tocassem era considerado impuro especialmente durante a menstruação ou no pós-parto. Parece ser esta a razão por que havia restrição das mulheres às áreas mais sagradas do culto e não podiam seguir o sacerdócio (Pinto & Artuso, 2013).

As mulheres eram essencialmente procriadoras e dependentes, em primeiro lugar do pai e depois do marido e eram consideradas incapazes de se dedicar a temas sérios como a religião. A presença da mulher em público era, portanto, uma ofensa à dignidade da mulher. O Talmude considerava um desrespeito ao público que uma mulher lesse a Torá no Sabat (Kochmann, 2005).

4 - Quem é Paulo? Antes Saulo ou sempre Paulo?

Paulo, inicialmente chamado Saulo, parece ter nascido em Tarso (Atos 21:27-36), filho de pais judeus durante a 1ª década do século I. Uma outra versão baseada em escritos de São Jerónimo aponta as origens de Paulo para Giscalis, uma povoação na Galileia. (Furtado R., 2012 p. 13; Neves 2011 p. 32). Segundo dados recentes parece que Paulo pode ter nascido na Judeia ou Galileia e ainda criança ter ido para Tarso (Mazzarollo, 2019, p. 4).

As cartas escritas por Paulo indicam ter nascido judeu. Pertencia à tribo de Benjamim e tinha sido circuncidado ao 8º dia. Nessas cartas nunca referiu nem Gíscalis nem Tarso como local do seu nascimento. Também nada está escrito sobre ser romano; estes dados são referidos por Lucas, seu contemporâneo ou mais provavelmente do século seguinte que era um grande admirador de Paulo. Mas seguindo a Bíblia, fonte credível, parece mais consentâneo com os Atos dos Apóstolos ter nascido em Tarso. Paulo deve ter herdado a cidadania romana, pois diz: “eu o tenho por direito de nascimento.” (Atos 22:28) Segundo Pascoaes (2002) o seu avô teria recebido Pompeu em sua casa e este em pagamento por o ter alojado concedeu-lhe o título de cidadão de Roma, que poderia ser transmitido aos seus descendentes (Pascoaes, p. 47).

Outra hipótese e segundo Neves (2011) seria o de após a conquista da Galileia os seus pais tivessem sido feitos escravos e comprados por um cidadão romano que como prémio pela sua lealdade lhes concedeu a liberdade, o que automaticamente lhes conferia a cidadania romana; outros historiadores defendem que Marco António elevou Tarso a cidade-livre e assim ficaria explicado como Paulo podia ser cidadão romano (Carreira das Neves pp. 33-35). Paulo serviu-se numerosas vezes deste privilégio quer nas suas viagens quer nos tempos da prisão.

A polémica das origens de Paulo vem desde a Antiguidade. Por um lado, Tarso encontra-se apoiada nos textos bíblicos, mas Giscalis poderá ser apoiada pela realidade de fatos históricos decorridos, no contexto de grandes migrações como resultado da guerra. Se as origens de Paulo se encontram envoltas em controvérsia é certo que toda a sua vida também o está, pelo que a educação e a juventude de Paulo levantam algumas questões. Paulo cresce numa cidade com comércio florescente, mas com moral duvidosa. Várias estradas a ligavam a centros importantes. Nessa data havia duas principais correntes do pensamento: os epicuristas e os estoicos, ambas muito bem representadas nesta região. Expunham acerrimamente as suas ideias. Estas duas correntes tão díspares não traziam nada de bom imperando o egoísmo e a sensualidade como diz Pascoaes que ilustra esse facto referindo o pedestal em que o rei assírio

que se considerava o deus tutelar Sardanapalo manda escrever o seguinte: bebe, come e goza. O resto não é nada (Pascoaes, 2002, p. 48).

Para Lucas, Paulo viria de famílias com algum poder económico – o pai de Paulo era um fabricante de tendas – já que em determinada altura pagou rituais de purificação a Nazireus (Atos 21:23), esta afirmação parece contradizer a libertação recente do estado de escravidão referido anteriormente. Mantendo a tradição hebraica também Paulo aprende o ofício do pai. Tudo aponta que o seu pai tinha alguns meios de fortuna pelo que o envia para Jerusalém a fim de estudar a Lei mosaica e os Profetas. Frequenta assim a escola de Gamaliel, um fariseu com marcada influência helenística, que apesar de ser um homem pacífico não deixa de ser fariseu e estar contra os cristãos (Furtado, 2012). Recentemente tem sido advogado não parecer ser verídico que Paulo tenha estudado com Gamaliel pois aparentemente nunca tinha estado em Jerusalém antes da Revelação nem nos anos imediatamente a seguir (Gálatas 1:22), (Carreira das Neves, p. 37) As hipóteses que se levantam sobre a sua educação estão relacionadas com o descrito nos Atos dos Apóstolos pois Paulo nas suas cartas não faz qualquer referência a Gamaliel, mas Pena (2012) aponta que Paulo terá recebido uma educação hebraica em casa e na sinagoga, onde estudou a Tora e aprendeu hebraico e provavelmente aramaico e simultaneamente frequenta a escola grega com três níveis de ensino, que iam desde a aprendizagem do alfabeto e da aritmética até ao estudo dos poetas gregos, passando ainda pelas várias correntes da filosofia (p. 32).

O mais consentâneo com estas premissas é que Paulo tenha estudado a Lei em Tarso. É através dos seus ensinamentos da Torá e de frequentes trocas de conceitos que adere ao farisaísmo. Paulo torna-se um zeloso defensor de Deus e da Torá. Paulo era um fariseu que conhecia bem a cultura romana, mas sobretudo a grega citando frequentemente vários poetas e filósofos gregos. Paulo era um intelectual com conhecimentos profundos da Torá, grande defensor do Judaísmo e com capacidades oratórias marcadas onde sobressaía a filosofia helenística (Furtado, 2012; Mazzarollo, 2019).

Após ter terminado os seus estudos há um primeiro hiato na sua vida Segundo Pascoaes e uma vez que tem advogado que estudou em Jerusalém dificilmente terá regressado a casa porque as viagens eram complicadas. Ter-se-á juntado aos zelotas aumentando o seu ódio para com os cristãos? (Pascoaes, 2002, p. 54) Temos, no entanto, que considerar outras hipóteses os que defendem que Paulo sempre estudou em Tarso e, portanto, não saiu para qualquer lado e ainda o próprio afirma na sua carta aos Gálatas que nunca tinha estado em Jerusalém (Gálatas 1: 22). O que parece ser real é que do ano 24 a 37 nada se sabe do que fez. Paulo foi um

perseguidor dos cristãos, o ódio que ele nutria por qualquer uma pessoa que se considerasse ser o Messias e que viesse abalar o contido na Lei Mosaica era insuportável. Podemos afirmar que este ódio para com os cristãos foi crescendo e atinge laivos de fanatismo ignóbil quando o Sinédrio condena Estevão. Os carrascos de Estevão depõem aos pés de Paulo as suas vestes (Atos 7:51-60; Gálatas, 1:13-14).

Após a morte de Estevão tudo indica que Paulo fica ainda mais impetuoso na perseguição aos cristãos (Fialho, 2012). Paulo continua a perseguir os cristãos nas grandes cidades. Este é o motivo que o leva pela estrada de Damasco embora essa afirmação possa ser contestada já que o Sinédrio não tinha aí qualquer jurisdição para perseguir cidadãos segundo a política de direito romano (Neves, 2011, p.36). Esta estrada é um deserto autêntico, sem qualquer sombra e sem água, e Paulo faz o caminho sob um sol escaldante, só com os seus companheiros. É neste contexto que Paulo tem uma visão. Repentinamente há um clarão e uma voz que se ouve: “Saulo, Saulo porque me persegues?” Paulo pergunta: “Quem és, Senhor?” E a voz responde: “Sou Jesus, a quem persegues!” (Atos 9:3-6). Apesar de ter os olhos abertos não via nada e são os seus companheiros que o erguem e o levam até Damasco. Durante três dias não come nem dorme. Recupera a visão por intermédio de Ananias, quando este lhe colocou as mãos sobre os olhos. Este tinha tido uma visão de Cristo para restituir a visão a Paulo. Foi batizado, teria então recebido o Espírito Santo? (Atos 9:17-19).

A obsessão farisaica de perseguição e de ódio aos cristãos oscila face ao sucedido. A visão de Jesus, de Estevão e de outros cristãos são como espetos que lhe penetram o corpo e o espírito. Começa uma nova fase em que o remorso e o amor por Cristo se tornam num só. Saulo deixa de ser Saulo para passar a ser Paulo apesar de ser um costume dos judeus da diáspora mudar de nome a partir dos 15 anos sendo considerado um sinal social moral e cultural parece que só nesta altura é que muda de nome, (Pena, 2012) deixa para trás toda a sua vida anterior para passar a ser um “apóstolo”. Não por ter sido companheiro de Jesus, mas por Este lhe ter aparecido. Paulo sempre se considerou como apóstolo pois sempre afirmou que foi ele o escolhido por Jesus para propagar a sua mensagem (Atos 9:10; Pascoaes, 2002). Paulo desde essa hora que se apercebeu que Cristo poderia ser o Messias, o filho de Deus, só por Ele poderia haver Salvação. As escrituras hebraicas eram apenas uma profecia (Carreira das Neves, 2011, p 45).

Após este episódio há um espaço temporal de dois anos em que se esconde numa gruta perto da sua cidade natal. Aí, ao reler os profetas consegue compreender que Jesus é o Messias, há muito esperado, é o Deus de todos. Interiorizou a sua própria pessoa e o seu íntimo consegue

alcançar o facto de que será um pregador do Cristianismo, e a isso está destinado e que o seu evangelho lhe foi dado diretamente e não adquirido em 2ª mão (Wright, 2019; Gálatas 1:17).

Paulo não fraqueja na sua missão, apesar das grandes disputas que se verificaram com os companheiros de Jesus quer tenham sido com Pedro ou com Tiago, o mais agressivo e o mais descrente da nova postura de Paulo; eles não tinham esquecido as perseguições. Na sua persistência foi muitas vezes apedrejado por judeus, embora idolatrado por outros. Apesar de muitas vezes se exaltar manteve-se sempre firme na defesa do Cristianismo (Wright, 2019; Atos 22:21). A disputa mais acérrima que teve foi definir se os gentios a quem pregava a doutrina de Cristo para serem cristãos precisavam ou não de seguir alguns preceitos judaicos, como a circuncisão. Paulo sempre afirmou que para se ser cristão não era preciso ser circuncidado, no entanto Tito e Barnabé, seus companheiros sujeitaram-se à circuncisão (Atos 15:19).

Paulo tem a capacidade de formular a mensagem cristã olhando a Torá e a salvação de Israel, tendo também em conta a filosofia greco-romana. Contudo considera que a teologia de Paulo é a “teologia da cruz”. Segundo Zumstein (2011, p. 313) trata-se do conceito de que a morte de Jesus representa o critério da verdade de todo o cristianismo: “compreendera que Jesus tinha morrido e ressuscitado por todos e por ele mesmo. Ambas as realidades eram importantes; a universalidade: Jesus morreu realmente por todos; e a subjetividade: Ele morreu também por mim” (Bento XVI, 2008). Paulo passou a acreditar que a salvação era “a graça” e que tudo vinha depois da morte e ressurreição de Cristo.

Para Paulo o significado da Cruz e da Ressurreição é o fundamental para a salvação da humanidade; ela representa o alicerce da sua teologia, porque dizer Cruz significa dizer *salvação como graça* concedida a cada pessoa (Bento XVI, 2008). “Porque a linguagem da Cruz é loucura para aqueles que se perdem, mas poder de Deus para os que se salvam, isto é, para nós... aprouve a Deus salvar os fiéis por meio da loucura da pregação. Enquanto os judeus pedem sinais e os gregos buscam a sabedoria, nós anunciamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os pagãos” (1 Cor 1:18-23).

Bento XVI na Audiência geral em outubro de 2008 especifica o seguinte:

“Paulo Apela a todos ao dizer que a Cruz é loucura para aqueles que se perdem, mas poder de Deus para o Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os pagãos ((1 Cor 1, 18-23). Da Cruz encontram-se precisamente no facto de que onde parece existir somente falência, dor e derrota, exatamente ali está a todo o poder do Amor ilimitado de Deus, porque a cruz é expressão de amor, e o amor é o verdadeiro poder que se revela precisamente nesta aparente debilidade.” (Bento XVI 2008, s/p).

O significado da Cruz é a pedra angular de toda a construção teológica de Paulo. (Schnelle, 2011) Nas suas pregações faz sistematicamente uso de comparações servindo-se frequentemente da sua cultura helenística. Paulo não renega o judaísmo, mas porque queria seguir os ensinamentos e a postura de Jesus que se aproxima seja de um rico ou de um pobre, de um doente ou de um saudável, de um homem ou de uma mulher, tratando todos como igual, o que não estava de acordo com o judaísmo conservador aproxima-se do helenismo que era uma cultura muito mais aberta e abrangente (Mazarrolo, 2019).

Ciente do que eram os gregos, os pagãos e os judeus, Paulo desenvolveu assim um discurso capaz de ser percebido pelos diferentes grupos. Para Paulo anunciar a mensagem de Cristo era uma obrigação. O helenismo servia-se frequentemente de comparações especialmente usadas em desporto pelo que Paulo também o usava pedindo aos cristãos que ao divulgarem o evangelho fossem os melhores (Penna, 2009).

Sem dúvida Paulo aplicou nos seus discursos alguns conceitos helenísticos como o “conhece-te a ti mesmo” a marca ética da cultura helenística. Também para cativar os gentios vai buscar outra ideia da cultura helenística que expressa não haver discriminação de sexo, género, raça ou posição social embora não seja o praticado realmente (Penna, 2009).

Paulo consegue integrar conceitos judaicos de Jesus, com os preceitos gregos das realidades superiores de tal modo que transmite a ideia que o ser humano está a caminho da sua perfeição. Afirma que o mundo real é o ideal, que é também o eterno e a cidadania está nos céus (Mazarrolo, 2019). Para Paulo a cidadania celeste não está no futuro longínquo, mas é algo que os cristãos já dispõem por Cristo ter vencido a morte.

No pensamento de Paulo a soberania invisível de Deus só se torna visível na pessoa de Jesus Cristo (1 Corintos 1:4-9). Paulo, conhecedor da teosofia greco romana que coloca Zeus como pai dos pagãos, consegue transpor este conceito propondo o Deus de Jesus Cristo como “o Pai” (Mazarrolo, 2019). Para os helenistas ouvir alguém falar sobre um outro Deus desconhecido era um atentado ao seu saber e à sua inteligência, mas quando ouviram falar sobre o Messias e a Cruz consideraram uma loucura.

Paulo era um perfeito conhecedor dos costumes e da cultura dos locais por onde andava e foi sempre tentando adaptar o seu discurso conforme a audiência.

Os gregos adoravam vários deuses, portanto o aparecimento do cristianismo não era mais do que a continuidade de uma nova religião. Zeus e Hera são provavelmente equiparados a Isis e Osíris. Quando Paulo fala sobre a nova religião usa comparações e explica que Jesus

Cristo é o mistério de Deus no qual está escondido a sabedoria e o conhecimento (Fialho, 2012; 1Corintos 2:2-3).

A novidade na teologia de Paulo é que, enquanto na teosófica greco-romana os mistérios continuavam escondidos, no cristianismo o mistério que durante anos esteve escondido fora agora revelado em Cristo Jesus (Mazarrolo, 2019; 1 Gálatas 4:4-7). Acrescenta ainda que a força de Cristo está na sua semelhança com Deus e que o homem foi criado à sua imagem (1 Corintos 11: 7). Incita os cristãos a reconhecer as coisas do alto para assim mais facilmente entender a verdadeira religião em Cristo.

Paulo fala ainda da necessidade de praticar a obediência a Deus. O conhecimento, ou seja, a gnose fazia parte do quotidiano dos gregos pelo que Paulo no seu discurso sublinha que os gregos ambicionam atingir a transcendência através do conhecimento e os judeus através da prática dos preceitos da Torá, mas que só Cristo crucificado leva à Salvação. A educação era um marco fundamental na cultura helenística, sendo a polis o marco referencial da cultura grega. Paulo proclamava o seu Deus em cidades onde estavam implantados os cultos e as pessoas influentes, com marcados interesses na manutenção do “status”.

Educar é uma arte, pelo que formou companheiros para seguirem o seu caminho e espalharem a sua mensagem. Podemos inferir que perante uma cultura tão helenista as cartas de Paulo e os seus discursos tinham seguramente um caráter educativo. Paulo foi fundamental na divulgação da mensagem cristã combinando-a sempre com princípios do judaísmo, principalmente os ligados à cultura farisaica e com os da cultura greco-romana. É com Paulo que o cristianismo se torna universal ao referir que todo o ser humano independentemente da cultura, nível social, religião ou sexo é acolhido por Deus. Com o batismo deixa de haver qualquer hierarquia ou discriminação passam a ser fiéis dum mesmo culto (Mowczko, 2011).

Não é possível entender toda a argumentação ou as cartas de Paulo sem sabermos a quem se dirigem e mesmo sabendo é complexo. Isto é visível no modo e nas estratégias que utiliza para apresentar argumentos persuasivos, no uso apropriado das palavras, na forma como expressa os próprios argumentos. Em toda a sua argumentação existe sempre um objetivo que vai sendo trabalhado consoante a sua audiência. Paulo não escreveu nenhum tratado teológico. Escreveu e falou para pessoas sem qualquer tipo de discriminação.

Quem descobriu Paulo? Jesus escolheu-o? Ou foi Paulo que começou o seu percurso de conhecimento e pouco depois descobriu Cristo no momento em que Estevão é morto?

Paulo foi um ser espiritual, talvez diferente que nos leva a conjecturar que mostrou paixão... ou loucura? Atentemos que em vida passou de perseguidor para verdadeiro apaixonado com um amor a Cristo diferente do de todos os outros.

O que sabemos também da sua morte? Morre em Roma? Nada de concreto. Apenas que em 64 desapareceu (Pascoaes, 2002).

5. Pensamentos e atitudes de Paulo sobre as mulheres

5.1. As mulheres no início do Cristianismo

Tendo por referência os evangelhos e ressaltando que muito provavelmente foram escritos posteriormente ao *corpus* das cartas de Paulo (Barton, 2019, p. 193), poucos pormenores são referidos sobre a vida de Jesus, excetuando a Última Ceia, a crucificação e a ressurreição, mas poderemos recorrer aos evangelhos para analisar como Jesus Cristo conseguiu lidar com as mulheres.

Obviamente que esta abordagem tem de ter em conta não só que os evangelhos foram escritos por homens, o que significa que foram influenciados pela sua própria cultura e pela da época, mas também que cada evangelista tem a sua própria percepção dos ditos de Jesus Cristo e do que conseguiram apurar consultando várias fontes. Os escritos podem ter sofrido adaptações ao longo dos anos, não só na sua conceção e entendimento, como ainda pela inteligência ou pelos erros de quem os traduziu. Alguns estudiosos afirmam que com Jesus Cristo a mulher começa a ter algum papel nas comunidades, outros referem que Jesus Cristo só falou das mulheres de forma vaga e imprecisa (Teixeira, 2010; João Paulo II, 1988).

Aludindo a algumas passagens das Escrituras, verifica-se que Jesus Cristo tem um comportamento com as mulheres de excecional transparência e duma cumplicidade notável, atendendo à época. Mesmo para os mais críticos Ele defendeu a dignidade da mulher. Em tudo o que Jesus Cristo disse e também na forma como atuava não se encontra nada que aponte alguma discriminação da mulher, tendo em conta a época em que viveu (João Paulo II, 1988). As mulheres sentiam que algo diferente estava a acontecer. Cada encontro era como um novo episódio de evangelização. Ele falava com elas de assuntos que jamais alguém ousaria tocar, falando-lhes ao mesmo tempo do mistério de Deus e do Amor infinito d' Ele para com todos.

As mulheres ao perceberem a mensagem de Cristo têm necessidade de fazer mais qualquer coisa do que ficarem confinadas ao seu lar. Embora numa sociedade muito desfavorável iniciam alguma mudança no seu comportamento. Passam a seguir Jesus nas suas deslocções, sendo por Ele consideradas discípulas, prestando auxílio aos mais desfavorecidos quer materialmente quer espiritualmente. “*Cristo se constituiu, perante os seus contemporâneos, promotor da verdadeira dignidade da mulher*” (João Paulo II 1988). Não é demais relembrar o que João Paulo II na sua audiência geral em 1988 refere em relação às

mulheres que se deixaram envolver por Cristo, que seguiram os seus passos e proclamaram o evangelho.

“mulheres atingidas pela doença ou por sofrimentos físicos, como a mulher que tinha « um espírito que a mantinha enferma, andava recurvada e não podia de forma alguma endireitar-se » (cf. *Lc* 13, 11); ou como a sogra de Simão que estava « de cama com febre » (*Mc* 1, 30); ou como a mulher que « sofria de um fluxo de sangue » (cf. *Mc* 5, 25-34), que não podia tocar ninguém, porque se pensava que o seu toque tornasse o homem « impuro ». Cada uma delas foi curada e a última, a hemorroíssa, que tocou o manto de Jesus « no meio da multidão » (*Mc* 5, 27), foi por ele louvada pela sua grande fé: « a tua fé te salvou » (*Mc* 5, 34). Há, depois, a *filha de Jairo*, que Jesus faz voltar à vida, dirigindo-se a ela com ternura: « Menina, eu te mando, levanta-te! » (*Mc* 5, 41). E há ainda a *viúva de Naim*, para quem Jesus faz voltar à vida o filho único, fazendo acompanhar o seu gesto de uma expressão de terna piedade: « compadeceu-se dela e disse-lhe: "Não chores" » (*Lc* 7, 13). Há ainda , o episódio da mulher « surpreendida em adultério » (cf. *Jo* 8, 3-11) parece ser particularmente eloquente. No fim Jesus lhe diz: « *não tornes a pecar* »; mas, primeiro ele *desperta a consciência* do pecado nos homens que a acusam para apedrejá-la, manifestando assim a sua profunda capacidade de ver as consciências e as obras humanas segundo a verdade. Jesus parece dizer aos acusadores: esta mulher, com todo o seu pecado, não é talvez também, e antes de tudo, uma confirmação das vossas transgressões, da vossa injustiça « masculina », dos vossos abusos? (João Paulo II 1988 s/p)

Também foi aos pés da cruz que as mulheres que o acompanhavam se encontravam em primeiro plano nomeadamente a sua mãe e a irmã de sua mãe, Maria a mulher de Clopas e Maria Madalena (Dias & Pinto, 2006, p.10). Foram elas que o lavaram e lhe puseram os óleos e foram elas também as primeiras a testemunharem a Ressurreição (Tomaz, 2017). Segundo Bechetel (2002), dando Jesus a primazia às mulheres na Ressurreição só pode justificar que Ele as respeitava e amava (p. 26).

As mulheres com Jesus adquirem um papel preponderante, elas estão presentes em momentos cruciais desde o início da sua vida pública, na evangelização, no reconhecimento do próprio, no fim da sua vida e no anúncio da Sua Ressurreição (Dias & Pinto, 2006, p 36). Apesar de Cristo ter escolhido doze apóstolos escolheu uma mulher para anunciar a sua ressurreição (O'Connor, 2009).

Com a morte de Jesus Cristo voltam aos seus lugares originários, deixam, no entanto, a sua marca no apoio aos desfavorecidos e na propagação do Cristianismo gerando o embrião das primeiras comunidades cristãs. Com o passar dos anos e apesar de as mulheres terem tido um papel importante no início do Cristianismo, tendo ajudado a fundar as primeiras igrejas na Grécia, Turquia e em Roma (Schenk, 2017), este papel foi, no entanto, diminuindo de importância principalmente na passagem do século III para o IV e com a proclamação do Cristianismo como religião do império feita por Constantino (Dias & Pinto, 2006, p. 57).

Ficaram dessa altura excertos de escritos ou de discursos de Paulo que têm de ser interpretados no contexto do local e da época em que se vivia.

Hoje temos um melhor conhecimento histórico do que foi escrito nessa época graças também à descoberta de um conjunto de livros que estavam preservados em contentores de barro em Nag Hammadi.¹⁶ Assim podemos dizer com maior certeza, que das catorze cartas que se afirmam terem sido escritas por Paulo, sete, segundo os dados atuais são consideradas pseudoepígrafes, ou seja, escritas por alguém que não Paulo. Sendo assim são consideradas autênticas as seguintes: 1ª carta aos Tessalonicenses, 1ª Carta aos Coríntios, 2ª Carta aos Coríntios, Carta aos Gálatas, Carta aos Filipenses, Carta a Filémon, Carta aos Romanos. Cartas consideradas pseudoepígrafes: Carta aos Efésios, Carta aos Colossenses, 2ª Carta aos Tessalonicenses, 1ª Carta a Timóteo, 2ª Carta a Timóteo, Carta a Tito, Carta a Tiago. Por outro lado e uma vez, que a biografia de Paulo pode ter sido escrita muito mais tarde, alguns dados podem não estar corretos. Caso haja contradições entre os dados dos Atos dos Apóstolos e as cartas parece mais verossímil apoiar as cartas como mais credíveis (Lourenço 2017, Vol. II p. 19). Quanto aos textos apócrifos é possível contabilizar mais de 100 textos dos quais cerca de 60 estão relacionados com o Novo Testamento e destes a maioria está ligada a Paulo. Alguns destes textos serviram de justificação a heresias ou a movimentos gnosticistas. Outros, pelas suas características apelativas e extravagantes, glorificando as atitudes dos apóstolos, tiveram grande divulgação entre algumas comunidades católicas primitivas. Também aqui se pode verificar a relevância e a devoção por Paulo. Nestes textos e com todo o cuidado com que os temos de analisar devemos sublinhar em particular nos Atos de Paulo e Tecla, o direito de as mulheres pregarem e batizarem, o valor da virgindade e abstinência sexual, desencorajando o casamento, um pouco em consonância com Coríntios 1. Dum modo geral em vários textos Apócrifos salientamos o facto de Ele ser irresistível para as mulheres (Dunn, 1996; James, 1924).

Paulo para além de ter fundado numerosas igrejas pelos locais por onde passou nas suas viagens missionárias para divulgar a mensagem de Cristo, também escreveu várias epístolas às suas comunidades, seja em resposta a questões levantadas, seja por outras razões de aconselhamento, de incitamento e até mesmo de repreensão. Aliás, e como ele próprio afirma tem pouco jeito para a prestação oral. Esta inaptidão leva-o a usar com frequência cartas onde, por vezes, se excede proferindo ameaças ou vangloriando-se (Lourenço, 2017, Vol. II p. 218).

¹⁶ Nag Hammadi fica no Egito Contentores de barro que continham livros (com evangelhos, epístolas, apocalipses e atos apócrifos que escaparam à destruição foram descobertos em 1945 (Lourenço 2017 Vol.II p. 13)

Paulo escreveu sempre para reforçar que o seu evangelho é o verdadeiro porque é de origem divina. Paulo proclama que a fé Cristológica fundamenta a esperança escatológica da vitória da vida sobre a morte, anunciando que o seu evangelho diz respeito a todos sem discriminação (Barbaglio, 2011).

Em síntese poderemos afirmar que em tudo o que escreve ou diz está sempre patente a Teologia da Cruz. No caminho de Damasco e após o seu encontro com Jesus o significado central da Cruz tornou-se-lhe claro passando esta a ser um modo de vida, quase uma obsessão (Bento XVI, 2008). Ao conseguir misturar as duas culturas em que foi criado, a judaica e a greco romana, faz com que a mensagem de Cristo seja mais abrangente e perceptível tornando o Cristianismo universal.

5.2. As mulheres nas comunidades

Os ensinamentos de Paulo e o que ele escreveu é complexo. Levantam-nos muitas questões que têm servido frequentemente de tema para vários debates e consideramos que continuarão a ser controversos atendendo às várias argumentações apresentadas. Qual era a visão de Paulo sobre o lugar da mulher? Que direitos possuíam nas comunidades? Como falava Paulo com as Mulheres?

Para se compreender Paulo é fundamental enquadrá-lo no tempo e no espaço das suas cartas. Elas foram escritas anos depois do seu [encontro] com Jesus. Lucas nada nos diz sobre estas cartas. Neste espaço de tempo vai a várias regiões, inclusive tem encontros em Jerusalém com Pedro e com Tiago e apesar de nem sempre as conversas terem corrido de feição para Paulo, mas como não lhe convinha hostilizar os patriarcas da igreja de Jerusalém, optaram aqui por dividir a evangelização: Paulo iria pregar aos gentios e os que já estavam na igreja de Jerusalém iriam aos circuncisos (1 Gálatas 9-10). Porém a realidade é que discordaram frontalmente, seguindo Paulo o seu caminho e Pedro e Tiago o do ensinamento aos judeus-cristãos. O que prevaleceu e prevalece até aos dias de hoje, foi sem dúvida, o Evangelho de Paulo. (Carreira das Neves, 2011, p. 133)

Paulo dá continuidade às comunidades já existentes e ao longo das suas viagens forma outras. Essas comunidades eram sempre compostas por homens e mulheres que passaram a divulgar a mensagem de Cristo. Nas suas cartas exorta-os a manter os preceitos ensinados por Ele, bem como responde a dúvidas e questões que lhe são colocadas. Continua a acolher as mulheres como Cristo tinha iniciado. Excetuando algumas situações ou civilizações não era

possível no mundo antes de Cristo haver uma igualdade entre homens e mulheres ou das várias classes sociais: ricos e pobres. Cada um mantinha-se no seu local e a uma distância conveniente. Foi também com Cristo e com Paulo que os gentios e as mulheres puderam participar no mesmo culto e no mesmo local. Assim nascem as primeiras comunidades fundadas por Paulo. Aqui verifica-se que à frente de algumas das suas Igrejas estavam mulheres. É um facto que as primeiras igrejas tinham um cariz doméstico. Para além de alojarem viajantes, as reuniões tinham lugar nas próprias casas. Este facto foi significativo no crescimento e intimidade das próprias comunidades. Também era mais fácil transmitir os ensinamentos em casa, uma vez que as mulheres tinham poucas capacidades oratórias e também não era bem aceite pela comunidade judaica falarem em público (Militello, 2009).

Anunciar o Evangelho - Profetizar - Líderes de igreja

Relativamente à carta que Paulo escreve aos Filipenses alguns investigadores principalmente do século XIX supõem que a carta que aparece nos manuscritos não corresponde integralmente àquilo que Paulo teria escrito. (Lourenço, 2017, Vol II p. 345) Paulo após ter iniciado a carta com uma saudação de Timóteo e d'Ele próprio fala-lhes da sua relação com Cristo e exorta-os a continuarem em comunhão com Cristo e que lhes iria enviar Timóteo¹⁷ e Epafrodito¹⁸ antes de ir ele também. Quando supostamente teria terminado a carta começa a falar violentamente dos que defendem a circuncisão. No capítulo 4 parece adverti Evódia e Sintique que discutem frequentemente; talvez a discussão seja por qualquer uma delas considerar que uma tem uma melhor igreja doméstica que a outra. É pouco provável que se estas não fossem líderes das igrejas domésticas Paulo se tivesse preocupado em nomeá-las. Ele jamais repreendia alguém, nominalmente, em público. (O'Connor, 2009) acrescentando-se ainda que Paulo afirma que elas combatiam ao lado dele pelo Evangelho. Assim, na carta aos Filipenses em 4: 2-3 refere:

“Exorto Evódia e exorto Sintique a pensarem o mesmo no Senhor. E peço-te, fiel companheiro de jugo, que ajudes estas <mulheres> que se esforçaram comigo na boa nova, também com Clemente e com os demais coadjuvantes cujos nomes <estão> no livro da vida” (Filipenses 4:2-3)

Ao analisarmos a carta aos Romanos no capítulo 16 não nos restam dúvidas da importância que Paulo atribui a determinadas mulheres. Há numa saudação nominal a um conjunto de mulheres atribuindo-lhes simultaneamente lugares nas igrejas, tal como Febe, diácono na assembleia de Cêncreas, “para que a recebais no Senhor de um modo digno dos santos; e assisti-a em qualquer assunto em que ela precise de vós. Pois também ela se tornou uma protetora de muitos e de mim próprio” (Romanos 16:2).

Febe parece ter sido convertida ao Cristianismo após ter prestado culto a Artemisa.¹⁹ Nasceu em Corinto e é referida por Paulo, bem como outras mulheres, na carta que escreve aos romanos em que anuncia a exultação de Cristo pela conversão das mulheres. Segundo alguns autores parece ter sido Febe que nas dobras da sua roupa escondeu a epístola que Paulo escreveu aos Romanos.²⁰ Febe encontrava-se em Corinto quando Paulo escreveu a carta o que pressupõe

¹⁷ Timóteo acompanhante de Paulo (Filipenses 1:1; 2:19).

¹⁸ Epafrodito coadjuvante e companheiro de Paulo (Filipenses 2:25).

¹⁹ Febe era também o nome da deusa da lua e avó de Artemisa.

²⁰ A Carta aos Romanos é um texto fundamental da Igreja.

que ela tenha sido a sua transportadora; por outro lado e ao que parece era vendedora ambulante tornando assim mais fáceis as suas deslocações. Quando Paulo saúda Febe como diácono em Cêncreas ao não lhe chamar diaconisa quis provavelmente que tal fosse interpretado como tendo um estatuto igual ao seu (Lourenço, 2017, Vol II p. 212). Também considera Febe protetora de si próprio como de outros o que nos faz pensar que tinha um nível socioeconómico elevado. Estava sempre pronta a hospedar quem necessitasse como o fez com Paulo. Ajudava constantemente os mais carenciados. Na sua Carta aos Romanos pede ajuda para Febe elogiando as suas virtudes. O conhecimento que se tem de Febe é porque Paulo a referiu (Schmidt, 2014). Não é coerente, a ser verídico, que Paulo tenha entregado um documento fundamental do Cristianismo a uma mulher para ela o transportar para Roma se não considerasse Febe digna de o fazer, mesmo considerando que estivesse a ser perseguido ou que houvesse um risco de destruição. Para ele os princípios fundamentais do Cristianismo eram demasiado importantes para serem entregues a alguém que não fosse estimado e de confiança. Paulo estava a entregar, para ser divulgada, a palavra de Deus. Escolheu Febe porque obviamente acreditava nela e tinha-a equiparado a diácono (Romanos 16:1).

Na mesma carta e seguindo a mesma linha saúda Prisca que estava casada com Áquila.

“Saudai Prisca e Áquila meus colaboradores em Cristo Jesus, eles que pela minha vida expuseram o pescoço a quem não sou apenas eu a estar-lhes agradecido, mas todas as congregações dos gentios. Além de companheiros expuseram a sua vida por ele” (Romanos 16: 3-4).

Os dois foram companheiros e colaboradores de Paulo em Corinto e em Éfeso e ambos eram judeus. Paulo viveu em casa deles cerca de 2 anos. Quando deixou Corinto para ir a Jerusalém, Priscila e Áquila acompanharam-no até Éfeso, onde assistem ao envio da carta aos Coríntios onde Paulo informa que a Igreja se passará a reunir em casa do casal (1 Coríntios 16:19). Como é sabido a casa era do domínio feminino; era a mulher a responsável do lar. Paulo ao referir que a igreja será em casa de uma mulher está a dar-lhe implicitamente a liderança da Igreja (Luz, 2014). Muitas das vezes que falava ou escrevia punha o nome de Priscila antes do de seu marido, talvez por esta ser mais dinâmica na construção da sua igreja (Wangerin, 2009). Ressalta da carta, já que se trata de um casal, a forma carinhosa como se refere a Prisca como Priscila, um diminutivo (Lourenço, 2017; Romanos 16:1-15).

Paulo continua saudando nominalmente quer homens quer mulheres fazendo uma referência a Trifena, Trifosa e Pérside exultando os seus feitos: “Saudai Trifena e Trifosa que se esforçam no Senhor. Saudai a minha amada Pérside, que tanto se esforçou no Senhor. Saudai Rufo o eleito do Senhor e a mãe dele e minha” (Romanos 16:12-13).

Paulo dá aqui a entender que a mãe de Rufo foi como uma mãe para ele além de ter também evangelizado, pois caso não o houvesse feito não teria sido do apreço de Paulo.

Continua fazendo referência a Maria que se esforçara pela comunidade Romana, e ainda Júlia e a irmã de Nereu “Saudai Filólogo e Júlia, Nereu e a sua irmã, Olimpo e todos os santos que estão com eles” (Romanos 16:15).

Mais complexo será definir se a saudação era para Júnia ou Júnias? Seria um homem ou uma mulher? Quando Paulo saúda Andrónico e Júnia, face às diferentes traduções que a referem como apóstolo poderia ter havido uma deturpação de Júnia para Júnias o que faria dela um homem! Lutero simplesmente traduz por Júnias o que lhe atribui o género masculino (Lourenço, 2017, Vol II, p. 213).

Lídia foi outra das mulheres importantes para Paulo e na formação e continuidade da sua igreja. Vivia em Filipos, era uma comerciante de púrpura e adoradora de Deus. Após ter sido batizada convida Paulo e seus companheiros a alojarem-se em sua casa. A casa de Lídia tornou-se um lugar onde era transmitida a palavra de Deus. Lídia assume assim a função de missionária passando a ter um papel importante na comunidade servindo de modelo a outras mulheres. Põe os seus recursos materiais à disposição da comunidade (Atos 16:13-15) Não é evidente que este comportamento de Lídia, baseado nos ensinamentos de Paulo seja contrário à mensagem de Cristo.

As mulheres acreditam que têm um dom espiritual: Profetizar, que exige que a própria o reconheça ou seja tenha consciência dele e o transmita à comunidade e esta acredite no seu dom. (O'Connor, 2009) Paulo afirma ainda que também algumas mulheres têm a capacidade da profecia (Atos 2:17-18), o que as equipara a ele e aos outros profetas. Para ele Deus estabeleceu na Igreja três patamares: o primeiro são os apóstolos que fundavam as igrejas, a seguir vêm os profetas que dão continuidade a estas e seguidamente os mestres. A profecia era um estado que permitia pensar no futuro e assim planear a construção da sua igreja (O'Connor, 2009; Mowczko, 2018).

Independentemente de as comunidades terem sido presididas por homem ou mulher as lideranças não deveriam ter sido muito diferentes. Paulo dá responsabilidades iguais à mulher na divulgação do Evangelho, sendo este processo para a maioria dos investigadores o mesmo que atribuir a liderança de uma igreja. As lideranças dependiam como já referido do contexto e da cultura em que estavam inseridas. Todas estas mulheres parecem ter tido um papel fundamental no desenvolvimento das comunidades cristãs. Do mesmo modo que algumas mulheres seguiram Jesus também muitas acompanharam Paulo e participaram ativamente nas

comunidades por ele criadas, muito mais como companheiras do que como subordinadas (Mowczko, 2018).

Tal como Jesus, Paulo também apoiou as mulheres mais vulneráveis e algumas viúvas. No mundo greco-romano as viúvas ricas podiam administrar os seus bens. Os pobres estavam marginalizados em todas as culturas. Uma vez que a maioria dos que os acompanhavam pertenciam a uma classe socioeconómica que não era rica, Paulo e as comunidades cristãs também os auxiliavam (2 Coríntios 8:11-15). Estas atitudes parecem conformes com o legado de Cristo para com as mulheres e até revela respeito pelas suas capacidades.

Não há evidência de que Paulo tenha agido assim incautamente, não fazia parte do seu carácter nem da sua educação, nem parece ter sido por não haver homens capazes de assumir pontualmente estas tarefas de liderança. Esta forma de agir, para além de seguir os ensinamentos de Cristo, sublinha no pensamento de Paulo o valor que ele conferia quer a estas mulheres quer à comunidade em que estavam inseridas. Elas eram suficientemente dignas de transmitir a mensagem de Cristo e tinham o “dom” para o transmitir.

Ao abordar o pensamento de Paulo sobre as mulheres no ministério parece não haver dúvidas de que à frente das igrejas estiveram mulheres, mas tudo o que pode refletir a vida em comunidade, aparece na maior parte das vezes escrito num género masculino. Levanta-se aqui questão se este masculino resulta da cultura da época ou se o “todos” englobava o masculino e o feminino (Militello, 2009).

5.3. Comportamento e aspecto das mulheres em público

Paulo na 1ª carta aos Coríntios (11: 3-16) focaliza a sua atenção sobre o aspecto da mulher em público. Optamos por transcrever a totalidade deste texto, mas para uma interpretação mais precisa serão abordados os versículos separadamente.

³Quero que saibais que de todo o homem a cabeça é Cristo; que a cabeça de uma mulher é o homem; que a cabeça de Cristo é Deus. ⁴Todo o homem que reza ou profetiza tendo algo na cabeça desonra a sua cabeça. ⁵Porém toda a mulher que reza ou profetiza de cabeça descoberta desonra a sua cabeça. Pois é uma e a mesma coisa relativamente a estar de cabeça rapada. ⁶Se a mulher não se cobre, que seja tosquiada. Mas se é vergonhoso para uma mulher tosquiar-se ou rapar-se que se cubra com um véu. ⁷Um homem não deve cobrir a cabeça porque é imagem e glória de Deus; mas a mulher é glória de um homem. ⁸Pois um homem não existe a partir de uma mulher, mas uma mulher a partir de um homem. ⁹E um homem não foi criado por causa de uma mulher, mas uma mulher por causa do homem. ¹⁰Por isso, deve a mulher ter sobre a cabeça uma autoridade, por causa dos anjos. ¹¹Só que nem <existe> mulher sem homem nem homem sem mulher no Senhor, ¹²porque tal como a mulher provém do homem também o homem <nasce> através da mulher. Todas as coisas vêm de Deus.

¹³Julgai entre vós mesmos: fica bem que a mulher reze a Deus de cabeça descoberta? ¹⁴E não é a própria natureza que vos ensina que um homem quando tem o cabelo comprido, é uma desonra para si próprio; ¹⁵mas uma mulher, quando tem o cabelo comprido é uma glória para ela porque a cabeleireira lhe foi dada no lugar de um véu. ¹⁶Porém se alguém quiser ser contestatário, nós não temos esse costume nem as congregações de Deus” (1Coríntios 11:3-16).

Analisando o que Paulo escreveu temos que para Lourenço (2017) há uma clara subalternização da mulher havendo uma hierarquia cósmica: Deus, Cristo, homem e mulher. Também é um facto que ao homem é atribuído o artigo definido [o] e à mulher o indefinido [um] (Vol.II, p. 249). Não nos parece que este texto deva ser interpretado num sentido mais amplo do que um aconselhamento do modo de comportamento em público das mulheres e também dos homens.

Para Paulo é inaceitável qualquer comportamento que atenua a clara distinção de género. Temos de manter presente a realidade judaica e greco-romana vigente no momento em que esta carta é escrita. Ela não faria qualquer sentido, por exemplo, no momento atual.

Neste texto vamos encontrar alguns versículos que entram em conflito com outros:

O versículo 3 “Quero que saibais que de todo o homem a cabeça é Cristo; que a cabeça de uma mulher é o homem; que a cabeça de Cristo é Deus” aborda de facto o estigma da subalternização da mulher perante o homem conforme era costume da cultura greco romana e judaica. Para Militello, Paulo reflete neste trecho a sua cultura e os seus costumes ao pretender

transmitir noções ou regras básicas de comportamento quer a homens quer a mulheres, o versículo 3 reflete uma hierarquia quer divina quer humana. Por oposição os versículos 11 e 12¹¹“Só que nem existe mulher sem homem nem homem sem mulher no Senhor”¹²“porque tal como a mulher provém do homem também o homem nasce através da mulher. Nestes versículos a hierarquia entre homem e mulher já não é tão patente. Mas os versículos 7 e 10 voltam a acentuar essa diferença; mas será esta uma diferença essencialmente hierárquica ou comportamental?⁷

Um homem não deve cobrir a cabeça porque é imagem e glória de Deus; mas “a mulher é glória de um homem”¹⁰“Por isso, deve a mulher ter sobre a cabeça uma autoridade, por causa dos anjos. Em contrapartida os versículos 13 e 15 parecem ser de notório aconselhamento comportamental: ¹³“Julgai entre vós mesmos: fica bem que a mulher reze a Deus de cabeça descoberta”¹⁵, mas uma mulher, quando tem o cabelo comprido é uma glória para ela porque a cabeleireira lhe foi dada no lugar de um véu. Na mulher romana o uso do véu a partir do momento do seu casamento não é sinal de submissão, mas uma afirmação do seu estatuto de matrona (Militello 2009 p 79-84). Podemos aqui encontrar ainda uma tradição e talvez não uma submissão. Até para as deusas gregas nos escritos de Homero era necessário um véu, costume esse natural em todas as mulheres gregas na altura (Lourenço, 2017, Vol. II p. 250). Recordemos que há cem anos em Portugal era impensável uma mulher ir à igreja ou a certas cerimónias sem véu. No entanto Dias & Pinto referem que Paulo é misógino em relação às mulheres e que a evolução do pensamento de Paulo vai no sentido de afastar as mulheres de alguns locais de maior destaque após ter feito reavaliações das comunidades que ele acompanhava. Paulo reequaciona a igualdade da mulher e a não existência de diferenças sociais, pois em Corinto onde havia uma forte hierarquia esta tentativa de igualização de todos não foi aceite (Dias & Pinto, 2006, p. 58).

O versículo 16 é curioso, “Porém se alguém quiser ser contestatário, nós não temos esse costume-nem as congregações de Deus”. Parece deixar bem claro a vontade de Paulo de que as jovens comunidades cristãs não parecessem “revolucionárias” ou pelo menos contestatárias aos olhos da moralidade vigente, pretende, portanto, evitar conflitos.

O que Paulo quis mesmo fazer foi distinguir os géneros tal como refere em 1 Gálatas 3:28 “Não há judeu nem grego, não há escravo nem pessoa livre, não há macho e fêmea: todos vós sois um em Cristo Jesus” o que leva a pressupor que em termos escatológicos a diferença de sexos se mantém para o que contribui o significado de ter utilizado *nem* judeu *nem* grego *nem* escravo *nem* pessoa livre enquanto em macho e fêmea franca diferença das preposições.

Pode-se, contudo, assumir que a mulher foi criada depois do homem por um desígnio divino. Se Paulo vivesse nos tempos presentes nem os cabelos nem o véu seriam as suas preocupações. Paulo na altura preocupou-se com estes porque não eram questões de somenos importância. Elas eram de factos paradigmáticas dos tempos da altura (Militello, 2009, pp. 79-84).

Para Silva este trecho é fundamentalmente quando escreve “Quero que saibais que de todo o homem a cabeça é Cristo; que a cabeça de uma mulher é o homem; que a cabeça de Cristo é Deus faz referência às restrições impostas às mulheres e o seu lugar na hierarquia. Para explicar o homem ser superior à mulher deve-se ponderar o seguinte: “Quero, porém, que saibas que a cabeça de todo homem é Cristo, a cabeça da mulher é o homem, a cabeça de Cristo é Deus”. O trecho evoca o descrito em Génesis 2-22²¹ associado a Génesis 1-27²². Seria então assim: o homem exprime a glória de Deus pessoalmente, enquanto a mulher a do homem. De acordo com Silva (2013), para este autor há aqui uma clara subalternização da mulher (p.16).

A identidade dos anjos para O'Connor parece significar «mensageiros». Provavelmente seriam pessoas da casa de Cloé, que tinham ido de Éfeso a Corinto e teriam ficado escandalizadas perante a aparência dos celebrantes na celebração dominical. Paulo servindo-se do que ouviu adverte a comunidade de Corinto (O'Connor 2009 pp. 29-30). No que respeita aos outros versículos, atendendo à época e ao que nos chega dela, parece ser comum as mulheres terem uma forma de se pentear em que entrançavam o cabelo e o punham em forma de adorno à volta da cabeça. A isto chamaria Paulo cobrir-se? Parece consentâneo com alguns historiadores esta forma de pentear e que provavelmente ele se referia a este aspecto. Caso a mulher se apresentasse de outra forma seria pouco feminina e ter o cabelo cortado estaria relacionado com lesbianismo. Em síntese Paulo queria que os homens se parecessem com homens e as mulheres com mulheres (O'Connor, 2009, pp. 26-30). No mundo greco-romano em que Paulo vivia cobrir a cabeça era também um hábito cultural, mas era ainda sinal de decência. O cabelo era considerado como um incentivo ao prazer sexual. As mulheres casadas que não cobriam a cabeça eram consideradas infiéis ou então que procuravam outro homem. As prostitutas e as jovens usavam a cabeça descoberta, algumas mulheres cultas e com posição social superior e as que acolhiam as igrejas também o faziam (Mowczko, 2017). Com este panorama diversificado e com Paulo a querer a sua igreja unida e sem contestações aconselhou o uso da cabeça coberta em sinal de respeito.

²¹ Genesis 2: 22 E da costela que o Senhor Deus tomou do homem, formou uma mulher, e trouxe-a a Adão.

²² Genesi 1: 27 E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.

Para alguns esta “exigência” de Paulo é um sinal de submissão. Contudo, o que ressalta é a questão que se levantou seria que as mulheres, na assembleia de Corinto, estavam profetizando e orando com a cabeça descoberta (Silva, 2013) como já dito anteriormente Paulo teve conhecimento que as pessoas de Cloé quando foram à celebração dominical ficaram escandalizadas com a aparência dos celebrantes (O’Connor 2009 p. 29) e de acordo com alguns historiadores sendo a casa onde se celebrava o culto, portanto não ser considerado lugar público a mulher profetizava de cabeça descoberta (Matos, 2007) É, pois, natural que Paulo advertisse as mulheres que estando à frente das comunidades não cobriam a cabeça tal como as jovens casadoiras, as prostitutas e as infiéis também não, mas as mulheres casadas faziam-no. Numa sociedade com este paradigma não era de todo fácil a um grupo recém-formado, alvo de perseguições e que queria sobreviver, ir contra o *status* da altura. Cobrir a cabeça era para Paulo sinal de dignidade. Mas realmente no mundo de Paulo uma mulher com o cabelo curto era lésbica (O’Connor, 2009; 1 Coríntios 11:1-16). Era mesmo considerado infame uma mulher sair sem cobrir a cabeça (Matos, 2010).

Para Paulo um homem ter algo que pendia da cabeça podia ser interpretado como tendo cabelo comprido, conotando o cabelo comprido com a homossexualidade Paulo critica fortemente este aspecto. Na cultura greco-romana a homossexualidade estava presente e se um homossexual ativo não sofria qualquer sanção o homossexual passivo era habitualmente um escravo ou um prostituto não merecendo por isso qualquer estima. Se fosse um homem de outra classe perdia os seus direitos cívicos. Paulo (1Coríntios 6: 9) reflete sob as duas formas condenando-as quer se trate de homossexual ativo ou passivo. Apesar destas críticas terem muito provavelmente princípios morais diferentes é um facto que foram ditas em simultâneo, parecendo certo que Paulo condenava qualquer tipo de homossexualidade, quer ela fosse no feminino quer no masculino, no entanto Paulo criticava mais a masculina que a feminina.

Rigato aprofunda a questão da cabeça coberta ou descoberta tendo em conta o nazirato²³ que não deve ser praticado no âmbito cristão. Na análise do escrito em 1Cor 11:1-16 é de opinião que não deve ser separado do escrito em 1Cor 10:32-33 “³²Tornai-vos irrepreensíveis para judeus, para gregos e para a congregação de Deus ³³tal como eu agrado a todos em tudo, não procurando o meu próprio interesse, mas o do maior número, para que sejam salvos.” Paulo quer que os cristãos agradem a todos, não procura o seu interesse, mas o dos outros acrescenta que os primeiros versículos de 1 Cor 11 fazem referência a Génesis 1, 2 e 3 e ao nazirato que como já referido não deve ser praticado. Paulo não queria que qualquer elemento das suas comunidades se parecesse com um nazireu. De qualquer modo a informação

²³ *Nazir* é assumir um compromisso que dura ao menos trinta dias. Durante esse período, a pessoa não cortará seus cabelos, não consumirá nada que tenha saído da vinha (uvas, vinho, vinagre)

sobre o comprimento dos cabelos na altura é escassa e levanta algumas dificuldades de interpretação face a algumas passagens descritas na Mishná, numa refere que um homem deverá pagar à mulher de quem se divorcia uma determinada quantia que corresponderia à venda do seu cabelo, a outra diz respeito ao ritual da oferta do ciúme em que o sacerdote tira o que está sobre a cabeça para a mulher ser julgada de cabeça desnudada, mas para alguns historiadores o que Paulo pretendia era diferenciação sexual (Rigato 2009; pp. 113-118).

Não nos parece que haja alguma subalternização da mulher em relação ao homem nas frases de Paulo pois caso isso se passasse haveria lugar a contradição no que escreveu em Gálatas 3:28-29 “²⁸Não há judeu nem grego, não há escravo nem pessoa livre, não há macho e fêmea: todos vos sois um em Cristo Jesus. ²⁹Se vós sois de Cristo, então sois semente de Abraão e herdeiros segundo uma promessa.” Aqui afirma que todos são iguais em Cristo e, portanto, no Cristianismo, ou seja, na igreja que Paulo funda não há lugar a diferenças de género, sociais ou de culturas. O que Paulo pretendia era corrigir o que o Genesis ²⁴ referencia como a inferioridade da mulher em relação ao homem uma vez que a mulher foi tirada da costela do homem. O homem foi criado primeiro. Este conceito era bem conhecido de Paulo. Era o que os judeus seguiam.

Para Carreira das Neves o trecho de Coríntios 11: 2-16 é de Paulo. Carreira das Neves defende perentoriamente que todo o texto é paulino. Como habitualmente chama a atenção sobre as tradições e costumes de modo a haver paz, aconselhando mais uma vez para serem seus imitadores como Ele era de Cristo e procederem de modo a não provocar escândalos. O entendimento do Messias e da Crucificação era difícil de compreender. Não era, pois, de estranhar que seguissem mestres diferentes. Uns seguiam Paulo, outros Apolo,²⁵ e até havia quem seguisse a fé cristã à luz da escola da filosofia estoica. Em consequência disto havia algumas divisões na comunidade. Os seus elementos não tinham regras bem definidas, a prostituição podia existir bem como o incesto apesar de ser considerado pecado, não consideravam o costume judaico de não comerem carne dos animais que tinham sido oferecidos aos ídolos e depois vendida. Neves refere que Paulo não fala para as mulheres no seu dia-a-dia, ou seja, nas suas casas, mas sim quando elas estavam na liturgia. (Carreira das Neves, 201, pp 201-208) Temos, no entanto, de considerar que Paulo vai mais longe. Paulo lembra as tradições e para manter a ordem que na prática litúrgica não há homem nem mulher, e que através do

²⁴ Genesis 2 e da costela que o Senhor Deus tomou do homem, formou uma mulher, e trouxe-a a Adão.

²⁵ Apolo era também um pregador que foi «regar» o que Paulo «plantara» (1 Coríntios 3:5-6).

batismo passou a haver igualdade na condução da liturgia. Paulo cita literalmente o Genesis ²⁶2, 18,23-24, no versículo 8-9 “um homem não existe a partir de uma mulher, mas uma mulher a partir de um homem” e o homem não foi criado para a mulher, mas a mulher para o homem”, Paulo recorre-se do Génesis porque parecia haver múltiplos abusos de algumas mulheres por se sentirem livres de dependência familiar, constituindo assim motivo de comentários e de escândalo. Aqui podemos recordar o versículo 16 de 1 Coríntios, “Porém se alguém quiser ser contestatário nós não temos esse costume – nem as congregações de Deus.” Paulo queria manter a ordem. Há, portanto, aqui uma chamada de atenção importante para se portarem condignamente tendo em atenção o desígnio de Deus sobre o homem e a mulher, ele chama a atenção delas porque se estavam a portar indignamente e não apenas na liturgia.

Paulo manifesta naturalmente aquilo que aprendeu enquanto judeu e que expressa no versículo 7 de 1 Coríntios ao afirmar que a “mulher é a glória do homem.” Usa esta argumentação para restringir a liberdade das mulheres que cometiam excessos no seu dia-a-dia. Mas um pouco contraditoriamente Paulo diz que Cristologicamente não há distinção entre homem e mulher recorrendo a 1 Coríntios 11: 12 para afirmar “que homem e mulher são iguais “que, pois, se a mulher foi tirada do homem o homem nasce da mulher e tudo provém de Deus”, é pelo batismo que homem e mulher ao tornarem-se cristãos adquirem a igualdade (Carreira das Neves, 2011, p. 203).

No Genesis 1 o homem foi criado à semelhança de Deus, Paulo organiza esta premissa de acordo com o versículo 3-4, o que significa que Cristo e os humanos estão sujeitos a Deus. Na carta aos 1 Coríntios 15: 20-28 o conceito de que todos estamos submetidos a Deus e até o próprio filho se submeteu está mais desenvolvido. Todos estamos submetidos a Cristo, mas como Cristo está sujeito ao Pai os humanos também o estão. Mas depois volta à questão litúrgica afirmando a mulher deveria usar véu por respeito aos anjos sendo assim considerado um sinal de dignidade e não de submissão ao desempenhar funções litúrgicas. Em 1 Coríntios 11: 10 afirma “Por isso, deve a mulher ter sobre a cabeça uma autoridade, por causa dos anjos” embora esta citação de Paulo divida os estudiosos, para Carreira das Neves (2011) significa que a mulher praticava o seu ministério no culto onde Deus e os anjos estariam presentes. As

²⁶ Genesis 2:18: “E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma ajudadora idônea para ele”; 23-24: “E disse Adão: Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne; esta será chamada mulher, porquanto do homem foi tomada. Portanto deixará o homem o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne.”

descobertas de Qumran vêm dar algum crédito a esta hipótese, pois na “Regra da Comunidade” descoberta na primeira gruta “a santidade da assembleia religiosa era engrandecida pela participação/presença dos anjos” (p. 207).

Como se pode ver o capítulo 11 desta carta levanta várias interpretações a ponto de que a de Neves e de O’Connor serem completamente distintas. Há uma notória divisão de opiniões. Consideramos que esta epístola do apóstolo Paulo acha-se longe de estar definitivamente debatida e de ser consensual.

5.4. Mulheres caladas e as submissas

Podemos encontrar um dos escritos mais questionáveis na carta à comunidade dos Efésios, texto esse cuja autoria tem sido muito contestada. A frase que tem levantado polémica é: “As mulheres que se submetam ao seu marido, como ao Senhor” (Efésios 5:22). No final deste capítulo será comentada a controvérsia da autenticidade desta carta.

Esta recomendação enquadra-se num conjunto de outras tendo em conta as relações familiares entre maridos e mulheres (Efésios 5:21-33). Se a retirarmos do contexto esta recomendação será um dos muitos trunfos dos defensores da misoginia de Paulo. Ela encerra tudo o que se pode pensar de negativo da mulher: insignificante, desprovida de qualquer valor intelectual e sem qualquer sentimento. O homem era a razão, a mulher obedecia. No entanto, prestando atenção, logo no primeiro versículo 5:1 vemos que o que está expresso é: “Sede, por conseguinte, imitadores de Deus como filhos amados”, mas indo mais além vemos algumas discrepâncias se por um lado afirma “Maridos, amai as mulheres, como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela”, o que pode querer significar amai não as próprias mulheres, mas as mulheres na generalidade: É assim que os maridos devem amar as suas mulheres como se elas fossem os corpos deles. Quem ama a sua mulher ama-se a si mesmo. (Efésios 5: 25-28) Estes conselhos são dados no intuito de melhorar o entendimento entre o casal numa época em que de facto a mulher era desprestigiada ou estarão realmente mais próximos de algumas afirmações menos felizes relativamente à submissão da mulher como o expresso nas cartas pseudo-paulinas. Por outro lado, a sociedade na altura primava por ser patriarcal. Como é sabido a mulher não tinha qualquer papel importante nem frequentava lugares públicos. Vale a pena voltar a referir sobre a mulher o que Aristóteles escreveu: “o homem é por natureza superior e a mulher, inferior; ele domina e ela é dominada” (Lopes, 2011). Os homens judeus agradeciam diariamente a Deus não os ter criado mulher. O testemunho de uma mulher não era aceite em tribunal.

O amor para Cristo é dar e receber; quem ama aceita submeter-se. Submissão não é o mesmo que anulação, nem é o mesmo que ser-se ignorado. A submissão de que fala Paulo tem que ver com amor em Cristo. Na sociedade antiga a mulher era considerada inferior a um escravo. Paulo deixa claro que a mulher é igual ao homem ao afirmar na 1ª carta que escreveu aos Coríntios que “a mulher não é independente do homem nem o homem independente da mulher,” acrescentando ainda que:

“Só que nem existe mulher sem homem nem homem sem mulher no Senhor, porque tal como a mulher provém do homem, do mesmo modo também o

homem nasce através da mulher. Todas as coisas vêm de Deus” (1ª Cor 11:11-12). A mulher não tem autoridade sobre o próprio corpo, mas sim o marido. Do mesmo modo, o marido não tem autoridade sobre o próprio corpo, mas sim a mulher” (Cor 1. 7:4).

Não se nos afigura que Paulo defendesse a opressão nem a violência. O casamento é um ato voluntário, mas ninguém é obrigado a permanecer casado se houver violência (Arterburn, 2017; João Paulo II 1988).

Na carta escrita aos Coríntios e a propósito de casamento refere: o casamento e o ato sexual não são apenas admissíveis, mas necessários para a vida em comum. Apesar de defender que o melhor seria abstinência sexual, mas que para aqueles que não tivessem um autocontrole, como ele mesmo o tinha, o melhor seria casar-se. Mais uma vez Paulo reafirma a igualdade entre homens e mulheres, afirmando que tanto o homem quanto a mulher devem submeter-se aos desejos um do outro. (1 Coríntios 7:3-5; 1 Coríntios 7:1, 1 Coríntios 7:12-13) Esta atitude além de ser concordante com a mensagem original do cristianismo, vai criar uma rutura com as tradições da sociedade.

Paulo na sua carta aos romanos encorajou as mulheres para o trabalho na igreja. Além disso podem-se encontrar saudações, elogios e recomendações de como os fiéis em Roma deviam tratar as mulheres (Mowczko, 2011). Defendeu a igualdade entre todos, pobres e ricos, escravos e senhores, homens e mulheres como expresso em “Todos vocês são filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus, pois os que em Cristo foram batizados, de Cristo se revestiram. Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus” (Gálatas 3:26-29).

De qualquer modo relativamente à carta aos Efésios temos de considerar se ela foi mesmo escrita por Paulo ou não. Em primeiro não parece ser propriamente uma carta, mas sim uma homilia (Lourenço, 2017, Vol. II p. 325), seguidamente teremos de considerar que nos escritos mais antigos deste texto não haver referencia a Éfeso e por outro lado também não deixa de ser intrigante Paulo ter vivido em Éfeso três anos e no texto que escreve é como se desconhecesse a comunidade, por sua vez também Carreira das Neves considera que a carta é pseudo-Paulina por fatores de estilo, linguísticos, teológicos com ensinamentos pouco corretos (Carreira das Neves, p. 248).

Teremos ainda de questionar que apesar de começar com: “ Paulo apóstolo de Cristo Jesus” toda a forma como está elaborada levantou dúvidas de ser autêntica, mesmo muito precocemente já no século XVI, com frases pouco articuladas. A questão abordada da submissão das mulheres é mais característica das «cartas Pastorais» 1ª e 2ª carta Timóteo, carta

a Tito e cartas pseudo-Paulinas. Quem escreveu em nome de Paulo desprezava e menosprezava as mulheres o que não é conforme o pensamento de Paulo e com tudo o que ele já tinha expressado sobre a igualdade entre homem e mulher (Lourenço, 2017, Vol. II pp.326-327).

Outro texto bastante polémico aparece na 1ª carta escrita aos Coríntios:

“³³ pois Ele não é Deus de desordem, mas sim de paz. Como acontece em todas as assembleias dos santos: ³⁴que as mulheres estejam caladas nas assembleias. Pois não lhes cabe falar, mas devem ser submissas como diz a Lei. ³⁵Se quiserem aprender alguma coisa, perguntem em casa aos seus maridos. Pois é vergonhoso para uma mulher falar na assembleia” (1 Coríntios 14: 33-35).

Relativamente a estes versículos e segundo Juliana B. Calvacanti, há várias versões sobre a sua autoria. Basicamente há versões que consideram os versículos 34 e 35 como da autoria de Paulo e outras que os consideram pseudo-Paulinas.

Na primeira hipótese podemos aceitar que os versículos sejam de Paulo que reagiu negativamente à prática que algumas mulheres cristãs de Corinto que advogavam a igualdade de direitos para as mulheres inclusivamente em assembleias sagradas.

Mais plausível nos parece a hipótese de os versículos parafrasearem a opinião de alguns homens de Corinto que não aceitavam um estatuto de maior abertura para as mulheres e Paulo responde-lhes no versículo 36.

As versões que advogam serem estes versículos pseudo-Paulinas parecem assentar no facto de independentemente da ideia expressa terem uma letra diferente. Assim é provável que haja uma interposição pós paulina conveniente a alguns membros da igreja; outra hipótese seria haver anotações à margem que alguns tradutores adicionaram ao texto (Cavalcanti, 2015, p. 11).

Todas estas versões podem ser plausíveis, mas a mais aceite é que seja um acrescento datado do século III após o concílio de Niceia (Naegele, 2010). A frase: “³⁴que as mulheres estejam caladas nas assembleias. Pois não lhes cabe falar, mas devem ser submissas como diz a Lei. ³⁵Se quiserem aprender alguma coisa, perguntem em casa aos seus maridos. Pois é vergonhoso para uma mulher falar na assembleia”, está desinserida do contexto da carta que Paulo escreve e além do mais as ideias aqui escritas contradizem de modo evidente o que tinha escrito no capítulo 11 (Lourenço, 2017 Vol. II, p. 260). Alguns investigadores defendem que na 1ª carta aos Coríntios são dadas diretrizes quanto a determinados dons espirituais, e a comportamentos, mas mais tarde sem qualquer ligação com o que estava a ser escrito intercala a frase referida anteriormente. Também O'Connor apresenta justificações para que este trecho

não tenha sido escrito por Paulo, primeiro porque ele nunca pôs obstáculos a que as mulheres orassem ou profetizassem, logo não seria lógico que se contradissesse. Outro aspeto importante é que Paulo nunca utiliza a Lei mosaica para falar sobre moral. A única vez que o fez foi para abordar o poder das mulheres, em oposição a Génesis 2. Se tiramos os vv 34-35 e passarmos diretamente do 33 para o 36 o texto faz todo o sentido (O'Connor, 2009). Ficaria assim:

“³¹Todos, um a um, podeis profetizar, para que todos aprendam e sejam exortados. ³²Mas espíritos de profetas estão sujeitos a profetas, ³³pois Ele não é Deus de desordem, mas sim de Paz. ³⁶ ou será que a palavra de Deus partiu de vós- ou só a vós foi comunicada.”

Desta forma o texto fica coerente e coincide com o que podemos encontrar anteriormente nas críticas aos excessos comportamentais e divisões nas assembleias, mas nunca se encontra nada que fale sobre sexo ou submissão das mulheres (1 Coríntios 11: 16-22). Salienta-se ainda no versículo 16 que “...Se alguém quiser ser contestatário, nós não temos esse costume...” e em 1 Coríntios 14: 40, “Que todas as coisas, porém aconteçam decorosamente e com ordem.”

Para Carreira das Neves (2011) o apóstolo Paulo era grande defensor da profecia, mas que tudo se fizesse com decoro e ordem pelo que se poderá supor que estando marido e mulher em assembleia o marido estava a profetizar assim a mulher deveria calar-se e deixar que o marido falasse e expusesse o dom e só em casa abordar o tema para não ser à frente de toda a comunidade. Esta interpretação está de acordo com o vv 29-31 em que afirma “Quanto aos profetas que falem dois ou três e que os outros façam o discernimento. Mas se um outro entre os presentes recebe uma revelação cale-se o anterior. Todos podeis profetizar, mas um após outro, para que todos sejam instruídos e exortados” (pp. 209-211).

As mulheres falavam frequentemente em assembleias, mas preferencialmente em privado e nas suas casas, pois ir para as sinagogas falar era-lhes vedado. O espaço público era exclusivo do homem. A casa era o espaço pertencente à mulher logo era aí que ela estaria a ensinar e a presidir às reuniões. Podemos ver algumas destas comunidades descritas em Atos dos Apóstolos. (Atos 17:4-12).

Se por hipótese extrapolarmos para a vida pública o que estas mulheres incentivadas por Paulo, faziam em privado, que era ensinar, podiam mesmo incorrer na tentativa de o fazer em público, o que segundo alguns autores foi o que chegaram a fazer. Daí podíamos inferir que Ele, sabendo perfeitamente e claramente que o espaço público era reservado ao homem segundo a estrutura social da altura, entendia que as mulheres ao tomarem este tipo de atitude corriam grave risco de transgredirem a ordem pública com graves consequências para elas e para a sua

igreja. Paulo só tentava manter a ordem. Outro problema resultava do facto de quando alguém expunha um tema e era muitas vezes interrompido com questões, seria considerada rude quem as formulasse se denotasse ignorância, e isto era válido para homens e mulheres. A grande maioria das mulheres tinha menor grau de instrução que os homens. Tendo em conta o que Paulo pensava parece quase plausível uma atitude de aconselhamento como a de algumas mulheres mais ignorantes perguntarem aos maridos. Ele pretendia acima de tudo que a mensagem passasse. Se ela passasse erradamente ou fosse suscetível de levantar questões difíceis de debater ou rebater era algo que Paulo repudiava. Paulo era acima de tudo defensor da mensagem de Cristo. Se considerarmos que ele exigia silêncio às mulheres e que não se lhes desse qualquer liberdade e muito menos instrumentos ou espaços para elas ensinarem, é uma contradição total com o facto de haver mulheres diáconos ou que efetuassem profecias com o seu apoio. (Romanos 16:1; 1Coríntios 11:5) De qualquer modo não parece verosímil que Ele o tenha escrito. Vale a pena lembrar que este texto 1 Coríntios 33-35 serviu de suporte para as mulheres serem excluídas de poderem falar de assuntos de religião, a Igreja católica romana não fez ainda qualquer concessão nesse aspeto, mantém a mesma postura e só há poucos anos os anglicanos e os luteranos mostraram alguma abertura (Carreira das Neves, 2011, p. 209).

5.5. Igualdade nas igrejas de Paulo.

Como já referido atrás só com Jesus as mulheres começaram a ter alguns papéis importantes, a serem ouvidas e tratadas como iguais e companheiras. Jesus foi um libertador para a condição da mulher. Nenhum homem as tinha tratado e aceitado como iguais sem atitudes maliciosas, dramáticas ou desrespeitosas. (Pinto & Aruso, 2013) Também e talvez por isso foram elas que ficaram ao pé da Cruz e coube a uma mulher anunciar aos apóstolos a Ressurreição (Tomaz, 2017; O'Connor, 2009).

Paulo era um homem convicto dos costumes e das tradições judaicas, no entanto rompeu com o seu passado, com a sua forma de pensar e tentou imitar também nesta questão Cristo. Estava absolutamente convencido que Jesus era o Messias porque tantos ansiavam.

Para vários historiadores como O'Connor reflete no seu livro "Paulo e as mulheres" a frase que Paulo escreve em Gálatas 3:27-28 e que pode ter feito parte da liturgia batismal: "Pois todos os que fostes batizados em Cristo, revestiste-vos de Cristo mediante a fé. Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem e mulher porque todos sois um só em Cristo."

Isto significa que todos os crentes deveriam ser olhados e tratados do mesmo modo. Na época em que viveu os judeus e os gentios desprezavam-se, o homem dominava socialmente a mulher e os escravos eram dependentes dos donos. Paulo nesta Carta afirma a igualdade de todos. Convém, no entanto, reparar num pequeno pormenor em "não há homem e mulher" em vez de não há homem nem mulher. Paulo está a referir-se a Génesis 2 que serve de base à crença judaica que o homem é superior à mulher porque primeiro foi criado o homem e só depois a mulher para o auxiliar. Paulo escreve em 1 Coríntios 11:8 "Pois um homem não existe a partir de uma mulher, mas uma mulher a partir de um homem, "mas logo de seguida afirma na mesma carta em 11-12 "Só que nem existe mulher sem homem nem homem sem mulher no Senhor, porque tal como a mulher provém do homem também o homem nasce através da mulher. Todas as coisas vêm de Deus". Face a este princípio admitido por Paulo não há qualquer base para não haver igualdade de géneros (O'Connor, 2009, Mowczko, 2011; João Paulo II, 1998). Isto significaria que não há diferenças entre homem e mulher, pelo menos na igreja de Paulo.

Por sua vez João Paulo II na sua carta apostólica sobre as mulheres em agosto de 1988 aborda também esta temática e refere o seguinte:

"Devemos colocar-nos no contexto do « princípio » bíblico, no qual a verdade revelada sobre o homem como « imagem e semelhança de Deus » constitui a base imutável de toda a antropologia cristã. « Deus criou o homem à sua

imagem; à imagem de Deus o criou, homem e mulher os criou » (Gên 1, 27) , os dois são seres humanos, em grau igual o homem e a mulher, ambos criados à imagem de Deus, o que torna o homem semelhante a Deus e à sua racionalidade que não existe nos outros animais. (João Paulo II s/p)

Mas há outra descrição a do *Gênesis* 2, 18-25:

“a mulher é criada por Deus «da costela» do homem e é colocada como um outro «eu», como um interlocutor junto ao homem, o qual, no mundo circunstante das criaturas animadas, está só e não encontra em nenhuma delas um «auxiliar» que lhe seja conforme. A mulher, chamada desse modo à existência, é imediatamente reconhecida pelo homem «como carne da sua carne e osso dos seus ossos» e precisamente por isto é chamada «mulher». O texto bíblico fornece bases suficientes para reconhecer a igualdade essencial do homem e da mulher do ponto de vista da humanidade. Ambos, desde o início, são pessoas, à diferença dos outros seres vivos do mundo que os circunda. *A mulher é um outro «eu» na comum humanidade.* Desde o início aparecem como «unidade dos dois»” (João Paulo II s/p).

Militello contrapõe que não lhe parece que se possa ler em Genesis 1, 27 uma correção rabínica do Genesis 2. Em Génesis 1,27 a bíblia fala da morfologia sexual e em Genesis 2, 18 fala sobre homem e mulher. Assim conclui que há evidência de haver um contexto social em que a mulher deve comportar-se a esse nível com a sua feminilidade aculturada, docilmente e, portanto, deve estar de cabeça coberta. No contexto religioso da cultura cristã a atitude acaba por se interiorizar como forma de tradição cultural, assumindo-se assim o preconceito da desigualdade que se apresenta teologicamente como uma imposição (Militello, 2009, pp. 73-76).

Paulo não argumenta para não crentes, mas para crentes. No mundo cristão não podia haver desigualdades pois caso se verificassem Paulo e a sua igreja estavam a manchar o legado de Cristo e isso para Paulo não era possível. Há, no entanto, historiadores que contestam este princípio por uma questão semântica da frase “não há homem e mulher” enquanto nas anteriores a preposição usada é nem afirmando mesmo que fica a dúvida se Paulo quer mesmo corrigir a leitura de Génesis relativa à criação da mulher. Como argumento usam o princípio de que os cristãos já estavam na Parousia por isso a superioridade de género era irrelevante uma vez que na salvação não haveria género (Silva, 2013). Acrescentam ainda que esta igualdade só foi anunciada aos crentes e não a todos os judeus.

5.6. Polémicas nas comunidades

Paulo deu às mulheres algo libertador que elas tinham começado a ter com Jesus. Foi, no entanto, alvo de críticas acérrimas. A liberdade e o poder que Paulo atribui às mulheres criou alguns conflitos como, por exemplo, a dificuldade de relacionamento entre casais em que um era pagão e outro crente. É fácil verificar que era uma questão conflituosa (O'Connor, 2009). Para acentuar mais as diferenças verificamos que houve benfeitores que deram o seu contributo monetário muito maior que o espiritual. Apesar de na sua maioria serem homens, algumas mulheres prestaram contributos económicos importantes. Febe foi uma das grandes benfeitoras. Nunca ficou claro nem foi explicado por Paulo a escolha de alguns benfeitores como líderes das suas igrejas. Seria por razões económicas, por serem mais reconhecidos ou pelas suas características espirituais? Tal foi o caso de Febe, que tinha importante poder económico. O mesmo se passa no caso de Júnias (ou seria mesmo um homem... Júnias! difícil tentar tirar ilações do que foi provavelmente adulterado em traduções) a quem Paulo chama apóstolo. Também obriga a uma reflexão o caso de Lídia que se tornou líder de uma igreja. Sendo realmente temente a Deus era também vendedora, tendo oferecido a sua casa. Terá sido unicamente por se ter convertido e pelas suas capacidades espirituais ou implicitamente haverá influência do poder económico.

Alguns historiadores apontam que a igreja cristã chegou até hoje porque, quer Paulo quisesse ou não, no pós-Paulo as mulheres voltaram a ocupar lugares inferiores. Na realidade, são os sucessores de Paulo (e mesmo nem todos, como no-lo mostram os Atos apócrifos de Paulo) que colocaram as mulheres fora das responsabilidades eclesiais e em estreita dependência do homem. Nas igrejas paulinas, as mulheres oram e profetizam. Sua participação na rede missionária paulina foi importante. Não fala Paulo da mãe de Rufo, “que também é a minha” (Carta aos Romanos 1-13), reconhecendo que essa mulher é sua mãe espiritual? (Detweller, 2011)

Paulo defendia a ordem e também as estruturas sociais da época como se pode verificar quando refere em (1 Coríntios 7:20) “ Que cada uma, no chamamento em que foi chamado nesse chamamento permaneça “ como também o faz quando escreve o seguinte:

“a origem de todo Homem é Cristo, a cabeça da mulher é o homem, e a cabeça de Cristo é Deus” (1 Coríntios 11:3) e de que o “homem seria a glória de Deus e a mulher a glória do homem” (1 Coríntios 11:7) e, “pois, o homem não foi tirado da mulher, mas a mulher do homem” (1 Coríntios 11:8).

Com esta ideia Paulo coloca o homem hierarquicamente acima da mulher tal como o judaísmo o fazia, apesar de tentar amenizar este conceito enraizado durante séculos na cultura judaica usando para tal discursos retóricos servindo-se de significados diferentes e apelando para uma sociedade alternativa. O facto é que o cristianismo provindo do judaísmo trouxe numerosas imagens e costumes destes e isso Paulo jamais negou. (Carvalho, 2013).

O que quer significar que apesar da doutrina de Paulo o Cristianismo só sobreviveu porque foi adotada uma estrutura patriarcal.

6. Uso do corpo para fins sexuais

Se até agora, abordámos alguns dos escritos controversos de Paulo relativamente às mulheres, não poderíamos excluir por contraposição, um tema tão importante na sua pregação em que não faz qualquer distinção significativa de género, mas se porventura ainda possa fazer alguma é no intuito de advertir mais o homem que a mulher.

Para Paulo o importante era que todos o imitassem permanecessem solteiros, mas caso não conseguissem então que se casassem. Em quase todas as epístolas Paulo aborda o tema referente ao corpo e ao sexo. Na sua 1ª Carta ao Coríntios Paulo dedica todo o capítulo 7 ao tema de homem, mulher e matrimónio com conselhos para ambos de igual modo, o que não deixa de ser significativo.

Em termos de comportamento sexual manifesta-se sistematicamente a favor do autocontrolo quer se trate de homem ou mulher. Não é demais relembrar que Paulo conhecia profundamente Corinto onde como já referido anteriormente havia o templo de Afrodite onde a prostituição era corrente (Dias & Pinto 2006, p. 27). É rara a carta em que Paulo não aborda o tema sexual. Assim referiremos alguns dos versículos mais indicativos do pensamento de Paulo que preferia a abstinência sexual e que se comportassem como ele e, portanto, que não ardessem de desejo (1 Tessalonicenses 4-3):

“³Pois esta é a vontade de Deus: a vossa santificação Que vos afasteis da fornicação, ⁴que cada um de vós saiba controlar o seu recipiente em santidade e honra,⁵ e não na paixão do desejo como os pagãos que não conhecem Deus; ⁶que nesta matéria ninguém transgrida e defraude o seu irmão, porque o Senhor vingará tudo isto, como já vos dissemos e testemunhámos. ⁷Pois Deus não nos chamou à impureza, mas à santidade. ⁸Pois quem rejeita estes preceitos não rejeita uma pessoa, mas o próprio Deus que vos dá o Seu espírito santo.”

Paulo propõe um desafio aos cristãos nada simples de ser realizado - sexo sem prazer, mas já antes a filosofia pagã propunha o mesmo sexo sem prazer (Lourenço, 2017, Vol II, p.382).

Subjacente a esta carta há um dado que para além do referido chama a atenção. Paulo dirige-se sempre à comunidade dizendo irmãos seria propositado ou estaria a referir-se genericamente a homens e mulheres, no entanto face ao teor e à forma parece que os destinatários são homens (Lourenço, 2017, Vol II, p. 374).

Em Coríntios:

¹Por toda a parte se ouve dizer que existe entre vós fornicação; e uma formicação de tal ordem que nem entre os pagãos existe: alguém possui a mulher do seu pai. ²E vós continuais inchados, em vez de andardes de luto,

para que seja tirado do vosso meio aquele que fez uma coisa destas (1Coríntios 5: 1-2).

⁹Escrevi-vos na carta anterior que não vos misturásseis com fornicadores.

¹⁰Não me referia genericamente aos fornicadores deste mundo, aos gananciosos, rapaces ou idólatras, porque então teríeis de sair deste mundo.

¹¹Não. Escrevi que não devíeis associar-vos com quem dizendo-se irmão fosse fornicador, ganancioso, idólatra, caluniador, bêbedo ou rapace. Com uma pessoa assim nem sequer deveis comer (1Coríntios 5:9-10).

⁹Ou não sabeis que injustos não herdarão o reino de Deus? Não vos enganeis: nem fornicadores, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem homens que se deitam com homens, ¹⁰nem ladrões nem gananciosos, nem bêbedos, nem caluniadores, nem rapaces herdarão <o> reino de Deus (1Coríntios 6:9-10).

¹³«Os alimentos são para o ventre e o ventre para os alimentos», mas Deus destruirá tanto aquele como estes. Ora o corpo não é para a prostituição, mas para o Senhor; e o Senhor é para o corpo. (Coríntios 6: 13).

¹⁵Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo? Tendo então tomado os membros de Cristo, farei deles os membros de uma prostituta? Que nunca tal aconteça! ¹⁶Ou não sabeis que quem se cola à prostituta é com ela um só corpo? *Serão*, diz a Escritura, *os dois uma só carne*. ¹⁷Mas que se cola ao Senhor é <com Ele> um só espírito. ¹⁸Fugi da fornicção. Qualquer outro erro que a pessoa cometer é exterior ao corpo; mas quem fornicca erra contra o próprio corpo (1 Coríntios 6: 15-18).

Relativamente à 1ª carta aos Coríntios há um facto que nos chama a atenção é a referência a uma outra carta que terá sido escrita anteriormente. Por sua vez todos os capítulos até 7 focam a preocupação de Paulo com o comportamento sexual especialmente dos homens. Não parece haver dúvidas que o comportamento da comunidade de Corinto que o próprio tinha formado era indigno de Cristo razão pela qual Paulo tanto adverte e tanto chama a atenção especialmente dos homens. É bem visível neste texto como Paulo se mostra zangado e adverte sobre o comportamento sexual da sua igreja e da comunidade. Tinha-lhe chegado ao conhecimento comportamentos lascivos das mulheres e dos homens que ele jamais admitiria na igreja de Cristo, repetindo frequentemente: “sejam meus imitadores como eu sou de Cristo” (Lourenço, 2017, Vol. II p. 235).

Também em Coríntios 1: 7 Paulo foca-se essencialmente no matrimónio e nas relações dos cônjuges. Por Ele todos permaneceriam como Ele, mas caso não o possam fazer que se casem. Talvez os únicos versículos em que Paulo aceita a separação de um casal sejam

“¹⁵ Se o não-crente se separa <da mulher>, que se separe. Nem o crente nem a crente são escravos nestas circunstâncias. Deus chamou-vos em paz. ¹⁶ Pois sabes, mulher, se salvarás o marido? Ou sabes, se salvarás a mulher? “ (1 Coríntios 7: 15-16)

Na carta aos Gálatas a preocupação fundamental de Paulo é a circuncisão dos gentios e a aliança feita entre Deus e Abraão, mas a propósito dos filhos de Abraão desvia a escrita para os pecados da carne.

²¹Dizei-me, vós que quereis estar sob a lei: não escutais a lei? ²²Ficou escrito que Abraão tinha dois filhos, um da escrava e outro da mulher livre.

²³Mas o filho da escrava nasceu segundo a carne ao passo que o da mulher livre através da promessa divina. ²⁴Estas coisas têm sentido alegórico: elas são as duas alianças. A do monte Sinai gera filho> para a escravidão: esta é Hagar. ²⁵Ora Hagar é a montanha do Sinai na Arábia e corresponde à atual Jerusalém, que é escrava juntamente com os seus filhos. ²⁶Mas a Jerusalém suprema é livre: esta que é a nossa mãe. ²⁷Pois ficou escrito:

Regozija-te, mulher estéril que não das à luz!

Desabafa e grita, tu que não sentes as dores de parto.

Porque muitos mais são filhos da desolada

Do que os filhos da mulher que tem o seu marido.

²⁸Vós, irmãos, à maneira de Isaac sois filhos de uma promessa. ²⁹Mas tal como naquela altura o filho que nascera segundo a carne perseguiu o filho nascido segundo o espírito assim sucede agora. ³⁰Mas o que diz a Escritura? Expulsa a escrava e o filho dela. O filho da escrava não herdará juntamente com o filho da mulher livre. ³¹Por isso, irmãos, não somos filhos da escrava, mas sim filhos da mulher livre (Gálatas 4: 21-31)

Nesta carta apesar de fulcro principal ser a aliança de Deus com Abrão Paulo aproveita para criticar os pecados da carne. Paulo aproveita mais uma vez para lembrar que devem ser seus imitadores.

Em Gálatas 5:16 e 19-21 Paulo aborda de novo este assunto

¹⁶ Digo, pois: em espírito caminhei e não consumeis desejo proveniente da carne. ¹⁷Porque a carne deseja de forma contrária ao espírito; e o espírito de forma contrária à carne: estas realidades opõem-se mutuamente para que não façais aquilo que quiserdes. ¹⁸Mas se por espírito fordes conduzidos, não estais sob a lei.

¹⁹ São evidentes as obras da carne: são elas fornicção, impureza, devassidão ²⁰ idolatria, feitiçaria, inimizades, discórdia, rivalidade, paixões, egoísmos, fações, seitas, ²¹ invejas, bebedeiras, festanças, e todas as coisas semelhantes a estas, em relação às quais vos digo, como já disse que quem as praticar não herdará o reino de Deus” (Gálatas 5:16; 19-21).

Na carta aos Romanos considerada um texto fundamental da Igreja católica e segundo vários investigadores a última que Paulo escreveu volta a condenar a homossexualidade tal como o faz em 1 Coríntios 6:9-10:

²⁶Foi por isso que Deus os entregou às paixões da desonra: as fêmeas deles trocaram o uso natural do corpo por um que está para lá da natureza; ²⁷e do mesmo modo também os machos, rejeitando o uso natural da fêmea, abrasaram-se no desejo de uns pelos outros, machos nos machos praticando o indecoro e recebendo em si mesmos a recompensa que era devida ao seu equívoco (Romanos 1: 26-27).

⁸A ninguém nada devais, a não ser o amar-vos uns aos outros. Pois que ama o próximo cumpre plenamente a lei. ⁹Com efeito, não cometerás adultério, não matarás, não furtarás não cobiçarás bem, como qualquer outro mandamento estão resumidos nesta frase: amarás o teu próximo como a ti mesmo. ¹⁰O amor não faz mal ao próximo. Por conseguinte, o pleno cumprimento da lei é o amor (Romanos 13: 8-10).

Fica patente pelo que atrás registámos que Paulo adverte e critica tanto o homem como a mulher o significado da vida de Paulo era um único: Cristo e a salvação pela Cruz.

Conclusões

Após esta análise continua a não ser simples compreender na íntegra e teologicamente o pensamento de Paulo, apesar de toda a investigação feita até ao momento. Conforme dito anteriormente a sua orientação sobre determinados assuntos tem gerado polémica nomeadamente a posição das mulheres na família, na sociedade e na Igreja e a polémica mantém-se e manter-se-á. Todas as cartas que escreveu são coerentes com a mensagem de Cristo que queria passar, são, no entanto, controversas sobre o papel feminino como companheiras e como líderes. Não podemos deixar em claro que apesar de as pseudo-Paulinas serem por vezes contrárias aos ensinamentos de Paulo e chegarem a omitir e até em algumas deturpar o que Ele pensava, elas são, no entanto, escritas pelos seguidores de Paulo. São originárias da escola paulina e são aceites e interpretadas pela Igreja. O porquê de serem aceites não se encontra no âmbito deste trabalho, podendo até ser posteriormente objeto de investigação para alguns, no entanto poderemos conjecturar que muito realisticamente e bem têm permitido emanar orientações à sociedade do modo que melhor possa ser conveniente igreja em determinados momentos, com base precisamente nesses textos.

Das catorze cartas existentes atualmente parece consensual afirmar que apenas sete são incontestavelmente escritas pelo apóstolo: Primeira aos Tessalonicenses, duas aos Coríntios, aos Filipenses, a Filémon, aos Gálatas, aos Romanos, e mesmo nestas é possível que tenha havido alguns cortes ou acrescentos (Naegele, 2010). Nas restantes podemos suspeitar de manipulações que vão desde sínteses de várias cartas a alterações significativas dos textos. É nestas cartas “pseudo-Paulinas” que vamos encontrar mais referências à submissão da mulher e ao seu silêncio (Borges A., 2009; Naegele 2010).

Também não se pode analisar isoladamente o que Paulo escreveu sem sabermos a quem, quando, a propósito de que assunto ou quais foram as dúvidas e as questões que lhe foram colocadas. Paulo não escreveu liturgias e ficaria espantado se soubesse o que d’Ele chegou até hoje. Acreditava que inexoravelmente a segunda vinda de Cristo estava próxima e que ainda seria no seu tempo.

Paulo não escreveu para assembleias anónimas, mas sim para pessoas concretas ou pequenas comunidades; habitualmente ele respondia a questões que lhes eram levantadas ou então advertindo de algo de que terá tido conhecimento. À luz dos tempos atuais algumas cartas têm textos de difícil compreensão. Apesar de estar fora do âmbito deste trabalho uma vez que estamos a falar apenas de Paulo as mulheres e a família, alguns dos seus textos foram deturpados

para justificar situações como por exemplo a da escravatura. Ele tinha extremo cuidado com o que dizia usando por vezes algumas figuras retóricas complexas e argumentando persuasivamente (Mela, 2018). Por outro lado, a sua impulsividade levava-o por vezes a escrever coisas que talvez não o tivesse feito debaixo de outro estado de espírito, como estava expresso na carta aos Gálatas em que raiava a indignação e fúria (Lourenço, 2017, Vol. II p.152).

Em todas as cartas fica bem patente que Paulo aborda sistematicamente aspetos teológicos como a ressurreição, escatológicos com a 2ª vinda de Cristo e questões de comportamentais como a sexualidade, a indumentária e carnes imoladas a ídolos. Talvez seja por este facto que Paulo não se preocupa com a família nem com a conceção de filhos não havia tempo para isso pois já estávamos na Parousia. A família como é hoje interpretada não tem nada de comum com o conceito de família em Paulo, como referido para Paulo era mais aceitável uma vida isenta de sexo a uma vida com sexo. A Paulo não lhe interessava nem falava na conceção de filhos como referido atrás (Lourenço, 2017, Vol. II, p. 156).

Por vezes a grande dificuldade em compreender alguns escritos de Paulo tem a ver com a comunidade para a qual ele escrevia, mas também em tentar entendê-lo erradamente à luz dos conceitos sociais do presente. O que era entendido numa comunidade não era entendido noutra, já que Paulo abordava situações que tinha presenciado, que lhe eram familiares, tendo em conta a vivência dessa comunidade. Paulo não escreveu para todas as comunidades o mesmo. As suas cartas eram dirigidas a uma comunidade própria e quase sempre a um pequeno núcleo dentro desta. Noutros casos, como já abordado, respondia simplesmente a questões específicas, mas nós não sabemos as perguntas. Paulo escrevia para a comunidade e mesmo que fosse só para um grupo restrito sabia que as cartas eram lidas nas assembleias.

A eventual má qualidade de algumas traduções dos seus textos, é um aspecto que também pode levar a equívocos.

Outro facto a ter em conta: O contexto em que Paulo vive onde Estado e Religião eram inseparáveis. As suas ideias vão depois atravessar períodos muito diferentes começando logo no século IV sendo a própria Igreja a repudiar as mulheres. Santo Ambrósio considera a mulher a causadora do pecado afirmando que o homem é o espírito e a mulher a sensação, para S. Tomás de Aquino a mulher era uma falha da criação e para Santo Agostinho, apesar de perante Deus reconhecer uma certa igualdade entre homem e mulher, a realidade é que escreveu “Homem tu és o Senhor a mulher é a tua escrava foi Deus que o quis. Sara obedecia a Abrão e

chamava-o seu Senhor. Sim as vossas mulheres são vossas servidoras e vós sois os seus senhores” (Bechetel, 2002).

Na idade média ou a fase pós-revoluções burguesas dos séculos XVIII e XIX que vieram separar definitivamente, pelo menos no ocidente, a Religião e o Estado. Temos de nos recordar que Paulo rompe com as tradições judaicas ao seguir a doutrina de um homem mandado crucificar por Roma com todo o apoio dos judeus, fariseus e mesmo saduceus.

Paulo vem revolucionar toda uma situação política, económica, social e religiosa que era considerada estável.

Paulo não se opõe ao papel que a mulher desempenha nas suas comunidades; se quisermos ir mais além teremos obviamente de relembrar que Paulo tentou aconselhá-las. Se olharmos as cartas escritas por Paulo podemos verificar que mais vezes Ele chamou a atenção para o comportamento dos homens e segundo nos apercebemos não nos parece que haja muita polémica com este aspecto. No entanto por muito que Paulo reafirme a igualdade entre homem e mulher teremos de questionar até que ponto essa igualdade não estava restringida ao quarto de dormir, pois em público Paulo exigia ordem e para que tal fosse possível teria de haver uma hierarquia. Quando afirma que a mulher é a glória do homem, mas o homem é a glória de Deus relembra os princípios do judaísmo. Cristo nunca disse isto, nem algo parecido (Bechetel, 2002, pp.33-35).

Paulo teve de ser *reescrito*, deliberadamente ou não, para poder servir de base à religião que posteriormente se implantou no ocidente. Era importante adaptá-lo aos costumes das épocas de quem o lia para o que disse e escreveu pudesse ser pacificamente aceite por crentes e não crentes, servisse a igreja e as elites ao longo dos tempos. Presentemente e com uma maior consciencialização dos escritos de Paulo talvez seja possível uma redescoberta histórica e político-religiosa da altura (Naegele, 2010).

Paulo queria acima de tudo divulgar a sua mensagem sobre Cristo. Sendo esse o seu principal objetivo é difícil conceptualizar que pudesse estar no seu pensamento a desigualdade entre os géneros. Cristo jamais mencionou que homens e mulheres não eram iguais. Tudo leva a crer que de alguma forma os seus escritos foram adulterados. Temos de admitir que Paulo compreendeu a mensagem do batismo que deu a liberdade de igualdade a homens e mulheres (Neves, 2011, p. 203).

A mensagem de Cristo era tão forte e libertadora que Paulo com o seu empolgação e com o que proclamava juntava multidões para o ouvir, independentemente de as pessoas entenderem ou não tudo o que ele dizia, isto apesar de ele afirmar que tinha pouco jeito para a

oralidade; calcula-se que se comparava a Apolo que de facto chamava multidões quando falava. Era uma importante mensagem de esperança e libertação que conseguiu assustar, inclusivamente, os romanos onde criou inúmeros ódios, tal como aliás no médio oriente entre os judeus.

Paulo tinha uma missão na vida: levar a mensagem de Cristo e para isso muito contribuiu não só a sua capacidade missionária, mas a localização geográfica da Palestina e fundamentalmente o expressar-se em grego. As suas viagens para a disseminação do Cristianismo foram essenciais uma vez que facilmente se expandiu e formou comunidades na bacia do Mediterrâneo. Também a troca de correspondência com as comunidades e o envio de seguidores seus a essas mesmas comunidades foram basilares na construção do Cristianismo e da sua implementação (Carvalho, 2013).

Paulo era uma mistura complexa de culturas e religiões [judaico-cristã], educação helenista, nascido numa terra com filosofia estoica, acérrimo defensor do farisaísmo e falando várias línguas. Teve, portanto, espaço e capacidade suficiente para transmitir a mensagem de Cristo que aparece numa altura em que há várias dissidências e conflitos com o governo de Roma que não imperava só pela força, mas também pela adoração a César (Furtado & Pena, 2012; Carvalho, 2013) a que os judeus pouco ligavam; portanto o aparecimento de um homem com as características de Paulo que vem anunciar uma mensagem diferente foi uma esperança para muitos. Paulo sempre acreditou que Cristo era o Messias há muito esperado. E que já estaria na *Parousia* pelo que era esperado que Cristo viesse de novo para os salvar... pois não tinha ressuscitado?

O centro da teologia Paulina é a Crucificação de Cristo; sem a Ressurreição nada faria sentido pelo que para Paulo este é o fundamental da sua Teologia. Cristo morreu pelos nossos erros tendo ressuscitado para salvar a humanidade (Carvalho, 2013).

Teve de ser *reescrito* para poder ser aceite no Ocidente desde a sua vida até ao momento atual. Contradições na sua vida e ao longo destes 2000 anos são inúmeras, sendo exemplo mais típico deste facto o que está escrito na carta a Timóteo em relação à mulher em que anula qualquer vestígio de igualdade de género, mas como já vimos esta carta não é considerada de Paulo.

Não há dados significativos que apontem misoginia em Paulo podemos, no entanto, equacionar que alguns pensamentos e escritos de Paulo contêm os ensinamentos da Lei e Paulo nunca deixou de ser judeu.

Paulo é difícil de interpretar, mas a igreja que ele fundou também. E pouco se tem esforçado por ser imparcial.

Paulo é controverso, mas a sua igreja também sempre o foi e ninguém tem dúvidas das controvérsias que a igreja e os seus pares têm provocado ao longo dos séculos. Os principais detratores de Paulo encontram-se dentro da igreja que o tentou adaptar.

A nova forma de pensar Deus á luz do Cristianismo foi obra de Paulo. Ele tornou o Cristianismo Universal, apesar de tudo não deixou de ser judeu e de se referir a Cristo Jesus, ao invés de Jesus de Nazaré, o que confirma mais a sua radicalização na teologia da Cruz, termina com o culto no templo, mas inicia o culto de um homem: Cristo Jesus. Paulo acredita que Jesus é o Messias que as Escrituras previam e que pela Ressurreição salva a humanidade (Carreira das Neves, 2011, p. 187).

Mais de vinte séculos passaram sobre a vida de Paulo. Sejam defensores ou detratores do que Paulo era..., mas olhando-o com imparcialidade e admiração podemos afirmar que ele conseguiu passar a mensagem de Cristo. A igreja que era de Paulo, e é de Paulo hoje, desde há séculos defende que o ministério sacramental está interdito às mulheres e parece nada ter sido alterado nos últimos tempos apesar dos múltiplos sínodos e concílios. Isto não o disse Ele, mas é refazendo erradamente a realidade de Paulo. Aquilo que pensava e dizia era “Não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem e mulher porque todos sois um só em Cristo Jesus” isto é fraternidade universal. Para os que são batizados não há nem diferença nem privilégio. Onde param os ensinamentos de Paulo na igreja para serem só seguidos os mais convenientes? Muito terá ainda de ser *reescrito* e vale a pena tentar compreender Paulo no contexto greco-romano e judaico em que viveu; compreender que Paulo defendeu uma igreja para todos, mas para compreender o que Paulo queria é preciso ter racionalidade e fé em Deus.

Para Paulo a mulher está em igualdade com o homem inclusive na condução da liturgia. Retirar ilações sobre a desigualdade de género ou sobre a submissão da mulher é não entender Paulo.

Paulo fundou a Igreja de Cristo no ocidente tornando-a universal, o apóstolo Paulo queria assim fosse, mas não a queria de modo algum que ela estivesse tão incompleta e tão desnordeada como está. Esta não é a igreja de Paulo.

Bibliografia

Aletti, J.N. (2004) A retórica paulina: construção e comunicação de um pensamento. In Detwiler A.; Kaeslin J-D.; Marguerat D. (Coord) *Paulo, Uma Teologia em construção* (pp 51-72) Edições Loyola

Alambert Z. (2004) A mulher na História, a história da mulher https://tuxdoc.com/download/a-mulher-na-historia-zuleika-alambertpdf_pdf Acedido em 22 de março 2020

Arterburn S. (2017) Como superar os obstáculos emocionais que impedem a sua vida de seguir adiante
<https://books.google.pt/books?id=e7U1DwAAQBAJ&pg=PT66&lpg=PT66&dq=Paulo,+as+esposas,+os+maridos+e+a+submiss%C3%A3o+m%C3%BAtua&source=> Acedido em 18 Maio 2020

Barton J. (2019) Uma história da Bíblia. O livro e as suas fés. Temas e debates – Círculo dos leitores

Bastos, P. (2016). Jesus de Nazaré e a Palestina do seu tempo: uma análise do Jesus histórico em relação à opressão económica, social e política. *ces revista*, 23(1), 103-113.
<https://seer.cesjf.br/index.php/cesrevista/article/view/696> Acedido a 18 Setembro 2020

Bechtel, G. (2002). As quatro mulheres de Deus. Multinova : União Livreira e Cultural, SA
Bento XVI papa Audiência geral, 29 de Outubro de 2008 São Paulo (10). A importância da cristologia - A teologia da Cruz https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20081029.html Acedido 18 de Setembro 2020

____ Bíblia. Tradução do texto grego, apresentação e notas. Frederico Lourenço 1ª edição. 2017. Quetzal Editores

Carvalho D. (2020) A mulher na antiguidade clássica. O caso da mulher romana
<https://apatria.org/historia/a-mulher-na-antiguidade-classica-o-caso-da-mulher-romana/> acedido 20 de julho de 2020

Carvalho A. P. (2013) Entre adaptações, sincretismos e questionamentos: uma rápida leitura do início da formação da doutrina cristã a partir da análise da Primeira Epístola aos Coríntios Plêthos, 3, 2, www.historia.uff.br/revistaplethos acedido 15 de fevereiro 2020

Cavadas A.D.; Neto M.C. 2020_Marcas indeléveis: considerações sobre o cativo judeu na babilônia à luz das ciências da religião, história política e direito disponível

<https://jus.com.br/artigos/79130/marcas-indeleveis-consideracoes-sobre-o-cativeiro-judeu-na-babilonia-a-luz-das-ciencias-da-religiao-historia-politica-e-direito> Acedido 18 Setembro 2020

Cavalcanti J. B. (2014) Mulheres em Paulo. Observações metodológicas e um breve balanço historiográfico. *História antiga e Medieval* Vol. 6-nº 12 “014

<https://periodicos.ufms.br/index.php/fatver/article/view/1289> acedido 10 Setembro 2020

Cohen N. (2017) Une étrange rencontre - Juifs, Grecs et Romains . Edition du Cerf

Dettwiler A.; Kaestli J-D.; Marguerat D. (2011) – Paulo Uma Teologia em construção Paulo, uma teologia em construção by Andreas Dettwiler Jean-Daniel Kaestli Daniel Marguerat (orgs.) (z-lib.org).pdf 2011 acedido em 25 maio 2020

Dias, M.J. M., Pinto, P. P.,(2006) . A verdadeira história de Maria Madalena. Casa das Letras

Dunn O.W. The Acts of Paul and the Pauline Legacy in the second century – Queens college
<https://actapauli.files.wordpress.com/2009/01/pwdunn1996.pdf> Acedido 16 de Agosto de
 2021

Ebert M. R. (2012, 12 de Julho) O Papel da mulher no mundo greco-romano [texto colocado no blog espaço acadêmico] <https://espacoacademico.wordpress.com/2012/01/07/o-papel-das-mulheres-no-mundo-greco-romano/> Acedido 30 dezembro 2019

Ferreira, P. (2010). O tema central da teologia paulina e a dialética: a tensão do negativo com o positivo como opção metodológica. *Revista Hermenêutica*, 11 (1) 109-133

Fialho M. C. (2012) Paulo no caminho de Damasco. In Ramos J.A., Pimentel M. C., Fialho M. C., Rodrigues N. S. (Coord.), Paulo de Tarso: Grego e Romano Judeu e Cristão. (1st ed., pp. 44-54) Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

Furtado R. (2012) Em torno da origem de Paulo. In Ramos J.A., Pimentel M. C., Fialho M. C., Rodrigues N. S. (Coord.), Paulo de Tarso: Grego e Romano Judeu e Cristão. (1st ed., pp. 13-28) Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

Grimberg C. História Universal Vol. I, Pag 252, edições Europa América 1965

James M. R. (1924) The acts of Paul “The apocryphal New Testament -translation notes
Oxford: Claredon Press, 1924 <http://www.earlychristianwritings.com/text/actspaul.html>
acedido 20 Junho de 2021

João Paulo II 1988. Carta apostólica mulieris dignitatem do sumo pontífice João Paulo II sobre a dignidade e a vocação da mulher por ocasião do ano mariano. Libreria Editrice Vaticana. http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1988/documents/hf_jp-ii_apl_19880815_mulieris-dignitatem.html Acedido 10 janeiro de 2020

Kochmann S. O lugar da mulher no Judaísmo. Revista Estudo da Religião. nº 2. 2005 pp.35-45 https://www.pucsp.br/rever/rv2_2005/p_kochmann.pdf acedido Janeiro 2020

Lévêque P. (2019) As primeiras civilizações, pág. 557. Edições 70, 2019

Lima A.C.C. (2003) O ritual da prostituição sagrada e a economia em corinto arcaica. PHOINIX, Rio de Janeiro, 9: 15-24, 2003. <file:///C:/Users/35191/Downloads/36331-97329-1-SM.pdf> Acedido Abril 2020

Lopes, M. (2010). Para a história conceitual da discriminação da mulher. *Cadernos De Filosofia Alemã: Crítica E Modernidade*, (15), 81-96. <https://doi.org/10.11606/issn.2318-9800.v0i15p81-96> Acedido a 20 de Maio 2021

Luz J. C. P. N. (2014) Mulheres na Bíblia e nas comunidades: um espelho para os tempos. Curso de Teologia Faculdade de S. Bento S. Paulo http://www.faculadadesaobento.com.br/files/pesquisas_28494314-03474472-5173-132018.pdf Acedido 24 de Junho de 2021

Macharetti H. Samaritano H. (2016) Cadernos de literatura Paulina- Um guia de estudo (PDF) [Caderno de Literatura Paulina Um guia de estudos | Dr. Humberto Samaritano e Humberto Macharetti - Academia.edu](#) Acedido 9 de Setembro de 2021

Matos K. (2007) O que a história registrou sobre Paulo, Corinto a Igreja e as mulheres. Fragmentos de cultura, Goiania Vol 17 nº 9/10 2007 [O Que A História Registrou Sobre Paulo, Corinto, C A Igreja e As Mulheres No Século I | PDF | Apóstolo Paulo | Império Romano \(scribd.com\)](#) Acedido 5 de Fevereiro de 2020

Mazzarolo, Isidoro (2019)“A importância do helenismo no pensamento do Apóstolo Paulo”. *Theologica Xaveriana* 188 (2019): 1 <https://doi.org/10.11144/javeriana.tx69-188.ihpap> Acedido a 20 Maio de 2020

Mela, R. (2018) Paulo: vida, cartas e pensamento <http://www.ihu.unisinos.br/584909> Acedido 21 de janeiro de 2010

Montanelli I. (2017) História de Roma da Fundação à queda do Império. Edições 70 Lda. 2017

Montfiore S.S (2020) Jerusalem the Biography; Weidenfeld & Nicolson 2020; 86-93

Monteiro J.C. Flávio Josefo e o cerco romano a Jotapata (67 d.C.) Imprensa da Universidade de Coimbra URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/34759> DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0626-2_9 Accessed : 17-Sep-2021 17:19:42

Mowczko M Equality in Paul's letters disponível <https://margmowczko.com/equality-in-pauls-letters/> Acedido 20 de Setembro de 2021

Mowczko M. (2011) Women's hair in Corinth and in Sydney - Ethos acedido 20 fevereiro 2021

Naegele D. (2010) Redescobrimo Paulo de Tarso
<https://www.algoadizer.com.br/edicoes/materia.php?MaterialID=411> Acedido 10 janeiro 2020

O'Connor JM; Militello C.; Rigato M.L. (2009) Paulo e as mulheres Paulina Editora 2009

Papa Bento XVI. São Paulo (10). A importância da cristologia - A teologia da Cruz
AUDIÊNCIA GERAL Quarta-feira, 29 de Outubro de 2008 Santa Sé Audiência Geral de 29 de outubro de 2008: São Paulo (10), A importância da cristologia - A teologia da Cruz | Bento XVI (vatican.va) acedido 11 de Junho 2020

Pascoaes T. "S. Paulo 2002 "Assírio e Alvim

Pena A. N. (2012) De Tarso na Cilícia à Roma Imperial. A educação de Paulo, In Ramos J.A. Pimentel M. C., Fialho M. C., Rodrigues N. SS. (Coord.), Paulo de Tarso: Grego e Romano Judeu e Cristão. (1st ed., pp. 44-54) Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

Penna R. (2009) Paulo de Tarso e os componentes gregos do seu pensamento: Atualidade Teológica Ano XIII nº 31 janeiro a abril 2009 <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18333/18333.PDF> acedido 16 de abril 2020

Pereira C. 2020 -Os actos dos apóstolos : entre a historiografia e o romance .Tese orientada pelo Prof. Doutor Nuno Simões Rodrigues, especialmente elaborada para obtenção do grau de Mestre em História Antiga Dissertação integrada no projecto: Rome our Home: (Auto) biographical Tradition and the Shaping of Identity(ies))

Pinto S. S.; Aruso V. (2013) A condição das mulheres nos tempos de Jesus e sua inclusão como participante do Reino sob a perspetiva Joanina; Relegens Thréskeia estudos e pesquisa em religião V. 02 – n. 02 – 2013

Ribeiro A.L.V. (2009) Jesus e os movimentos messiânicos – Revista de Cultura Teológica v17-n 66-Jan/Mar 2009 acedido

<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/15490/11569>

Ribeiro L.M.P. (2020) O papel das mulheres na bíblia protagonistas ou coadjuvantes AD AETERNUM – Revista de Teologia – Nº. 0 (2020) pp. 68-85

[file:///C:/Users/35191/Downloads/7348-Texto%20Artigo-21240-1-10-20201202%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/35191/Downloads/7348-Texto%20Artigo-21240-1-10-20201202%20(1).pdf)

Acedido 21 junho 2020

Salles C. No submundo da Antiguidade 1983

<https://pt.scribd.com/doc/141485927/resenha> Acedido 20 abril 2020

Santos M. Nascimento V. (2015) Jesus e o seu Tempo: Conhecendo o contexto da sociedade judaica dos tempos de Jesus (Jesus and his time: Knowing the context of Jewish society of Jesus' time) | - Academia.edu – lições Bíblicas apr 2015

Schnelle Ud 2011 in Paulo Uma Teologia em construção [Paulo, uma teologia em construção by Andreas Dettwiler Jean-Daniel Kaestli Daniel Marguerat \(orgs.\) \(z-lib.org\).pdf](#) 2011 acedido em 25 maio 2020

Schenk C. (2017) O que Paulo estava fazendo no culto de uma mulher. Revista do Instituto Humanitas Unisinos. www.ihu.unisinos.br/78-noticias/572694-o-que-paulo-estava-fazendo-no-culto-de-uma-mulher-visitar-lugares-cristaos-primitivos-pode-ser-esclarecedor Acedido 12 janeiro 2020

Schweitzer, Die Mystik des Apostels Paulus, Mohr, Tübingen 1930; cfr. N.T. Wright, Che cosa ha veramente detto Paolo, Claudiana, Torino 1999, 15 (Orig. What Saint Paul really said, Lion, Oxford 1997).

Seannner P., (2015) Jesus em seu contexto; Revista De Magistro de Filosofia Ano VIII no. 16 – 2015/2 <https://www.catolicadeanapolis.edu.br/revmagistro/wp-content/uploads/2015/08/Jesus-em-seu-contexto.pdf> acedido em 20 Setembro 2020

Selvatici M. (2015) História e arqueologia no estudo da economia da cidade de Jerusalém no século I d.c Revista Clássica, v. 28, n. 1, p. 177-192, 2015

Silva, R. A. da (2013). O problema do 1 Coríntios 11,1-6 e a questão de gênero na igreja de Corinto. *Romanitas - Revista De Estudos Grecolatinos*, (1), 13-22.

<https://doi.org/10.17648/rom.v0i1.6250> acedido 15 Junho 2020

Silva A. C. L. Frazão (2016) A palestina no século I d.C. <https://ejesus.com.br/a-palestina-no-seculo-i-d-c/> Acedido a 22 de Setembro de 2021

Sobreira S. Profetas e sábios: (2019) Miriam a Profetisa <https://sinagogashaarei.org/profetas-e-sabios-miriam-a-profetisa/> acedido 17 de março de 2020

Tavares A. A. (2011) Civilizações Pré-Clássicas – A formação do povo hebreu 361-377. Universidade Aberta

Teixeira J. L. S. (2010) A Atuação das mulheres nas primeiras Comunidades Cristãs. Revista de Cultura teológica - v. 18 - n. 72 - OUT/DEZ 2010

Toews J. E. (1980) The Role of Women in the Church: The Pauline Perspective. Direction [January 1980](https://directionjournal.org/9/1/role-of-women-in-church-pauline.html) · Vol. 9 No. 1 · pp. 25–35 <https://directionjournal.org/9/1/role-of-women-in-church-pauline.html> Acedido 30 dezembro de 2019

Tomaz E. 2017 A mulher na Igreja Católica
<https://books.google.pt/books?id=U9JEDwAAQBAJ&printsec=frontcover&dq=as+mulheres+na+igreja+cat%C3%B3lica+eugenia+Tomaz&hl> Acedido 13 janeiro 2020

Vaux. R. (1971) Les traditions patriarcales dans la Genèse. In Histoire ancienne d’Israel. Pag 252. Edições Gabalda 1971

Wangerin W. (2009) Paulo de Tarso na estrada para Damasco. Editorial Presença 2009

Wright N.T. (2019) São Paulo. A biografia. (1st ed., pp 48-50) Publicações Dom Quixote